



# atos

## do conselho geral

---

ano LXXX outubro-dezembro 1999

Nº 369

**Órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
Congregação Salesiana**

**ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO**



# atos

## do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

---

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

### Nº 369 ano LXXX outubro-dezembro 1999

|                                 |  |  |
|---------------------------------|--|--|
| 1. CARTA DO REITOR-MOR          | 1.1. P. Juan E. VECCHI<br><b>RECONCILIOU-NOS CONSIGO E CONFIU-NOS O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO</b>  | 3                                      |
| 2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES     | 2.1. P. Giuseppe Nicolussi<br><b>ORIENTAÇÕES PARA A CELEBRAÇÃO SALESIANA DO JUBILEU</b>  | 50                                     |
| 3. DISPOSIÇÕES E NORMAS         | <i>Não constam neste número</i>  |  |
| 4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL | 4.1. Crônica do Reitor-Mor<br>4.2. Crônica dos Conselheiros  | 57<br>60                               |
| 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS        | 5.1. Estréia para o ano 2000<br>5.2. Decreto de ereção canônica da Inspeção "Santos Mártires Coreanos" da Coréia<br>5.3. Decreto de ereção canônica da Visitadoria "Maria Auxiliadora" de Madagascar<br>5.4. Decreto de ereção canônica da Visitadoria "Maria Auxiliadora" de Zâmbia-Malaui- Zimbábue-Namíbia<br>5.5. Decreto de ereção canônica da Inspeção "São João Bosco" do Vietnã<br>5.6. Novos Inspectores<br>5.7. Irmãos falecidos | 64<br>64<br>65<br>67<br>68<br>69<br>77 |

Tradução: *P. José Antenor Velho*

**SALESIANAS**  
  
EDITORA/GRÁFICA

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 — São Paulo - SP

Fone: (0\_ \_11) 3277-3211 • Fax: (0\_ \_11) 279-0329

Fax/Vendas: (0\_ \_11) 279-4084

Telex: (0\_ \_11) 32 431 ESPS BR

E-mail: [sdbmooca@salesianos.org.br](mailto:sdbmooca@salesianos.org.br)

Home page: <http://www.salesianos.org.br>

### 1.1. RECONCILIOU-NOS CONSIGO E CONFIU-NOS O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO<sup>1</sup>

**1. Graça e misericórdia envolvem a nossa vida** – “Por meio de Cristo” – Amor gratuito e praxis salesiana. **2. O amor leva ao juízo** – Deus misericordioso e justo – O sentido do pecado – A formação da consciência – Juízo e vida salesiana. **3. Conversão e vida nova no Espírito** – O retorno a Deus – A salvação nas raízes do mal – Aspectos salesianos. **4. O sacramento da Reconciliação** – Um caminho de revalorização – Sacramento e espiritualidade salesiana – Reconciliados e ministros da Reconciliação. **Conclusão:** atravessar os umbrais.

*Roma, 15 de agosto de 1999*

*Solenidade da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria*

Queridos Irmãos,

2000 apresenta-se não só como prazo de calendário, embora singular, mas como passagem cultural com conseqüências imprevisíveis sobre as pessoas e o gênero humano. Estimula à leitura e valorização do conjunto daquilo que vivemos no século que se encerra e reacende esperanças que parecem hoje ao alcance do esforço humano e além dele.

Para nós, é um convite, quase uma provocação, a repensar-nos como discípulos de Cristo, numa complexa transformação que tem algo de frenético, mas na qual se descobre um sentido e

<sup>1</sup> cf. 2Cor 5,18

uma direção. Sentimo-nos solidários e parte viva dessa evolução: não só críticos, mas responsáveis daquilo que aconteceu e do que virá.

Queremos, por isso, acolher e realizar comunitariamente a principal instrução do Jubileu, repetidamente expressa pelo Santo Padre na Bula de convocação: “O Ano Santo é, por sua natureza, um tempo de chamada à conversão”<sup>2</sup>. “A ocorrência bimilenária do mistério central da fé cristã seja vivida como caminho de reconciliação e como sinal de genuína esperança para todos os que olham para Cristo e para a sua Igreja”<sup>3</sup>.

Dá-se, também a nós, uma oportunidade extraordinária de reviver a experiência da Reconciliação segundo a nossa condição de consagrados salesianos, compreendendo com a sua dimensão teologal, também a humana e educativa. Torna-se urgente, hoje, conseguir ver o modo com que a salvação realizada por Deus em Cristo torna-se relevante para o homem que vive a experiência de divisão e sofrimento, de conflito e culpa. Com efeito, a Revelação cristã deve ser capaz de instruir o homem sobre o modo de estar no mundo, humana e divinamente bem.

Devemos, pois, retomar e relacionar, articulando-os de acordo com as situações, os diversos aspectos da Reconciliação: retorno a Deus e aproximação aos irmãos, unificação interior e reconstrução das relações sociais, harmonia do próprio ser e compromisso com a justiça, alegria íntima e construção da paz no mundo, verdade e caridade, desmascaramento do mal dissimulado e “renovação” no Espírito, dom sacramental e estilo de vida e ação.

<sup>2</sup> *Incarnationis Mysterium*, 11

<sup>3</sup> *Incarnationis Mysterium*, 4

## 1. GRAÇA E MISERICÓRDIA ENVOLVEM A NOSSA VIDA

Poderíamos fazer uma resenha das dilacerações pessoais e sociais produzidas pelo pecado, evidenciando a extrema urgência de reconciliação sentida pelo mundo, sem conseguir chegar a ela. Diversos documentos eclesiais tomam este caminho e vós mesmos o haveis percorrido com os jovens.

Nesta ocasião, porém, coroadando o caminho que nos levou até 2000, prefiro, como primeiro passo, ir às *fontes* que tornam a reconciliação possível e real. Ela está *na Trindade*, em Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, isto é, amor total que se comunica: nele dá-se o dom e a acolhida incondicional do outro. Isso permite pensar a Reconciliação como algo de originário, não determinado pela nossa culpa ou apenas dependente dela, mas como uma realidade que tem a sua raiz em Deus e estende-se à nossa experiência humana integral.

É verdade que a “reconciliação” se refere imediatamente a alguma “separação”, divisão ou culpa anterior; mas é mais verdade ainda que a possibilidade originária de todo perdão é *o fato que Deus é em si mesmo Amor, Gratuidade, Misericórdia, Vísceras de ternura, Altruísmo, Dom ou algo que o valha.*

A forma trinitária de Deus, que é comunhão, dá um sentido incondicionalmente positivo à “reconciliação”. O outro, pessoa ou coisa, é válido para Ele segundo a sua forma atual de ser. A “misericórdia” é aquele radical “*deixar ser*”, pelo qual todas as coisas são abençoadas no próprio vir à luz, respeitadas em sua existência, esperadas em vista de sua realização plena.

Se existem no próprio Deus várias Pessoas, que têm origem no amor e no amor convivem, então Deus é capaz de assumir para si a honra de todos os seres, também do homem pecador, e criar as condições possíveis para que a criação seja encaminhada à participação real em sua própria vida.

O pecado não chega, então, a romper a unidade do plano de Deus e a enfraquecer a responsabilidade paterna, assumida por Deus ao colocar outras liberdades no mundo. Deus mostra-se capaz de assumir, desde o início, a responsabilidade da possível recusa da sua criatura. A Escritura, por isso, refere-se ao “Cordeiro imolado” desde a fundação do mundo<sup>4</sup>: o amor incondicional de Deus, que oferece o seu Filho, tinha previsto e aceito o risco da liberdade.

Em poucas palavras, a Criação é ordenada à Aliança, a nossa existência à comunhão com Deus: ela é primeira na intenção, é a finalidade. A reconciliação é a predisposição pela qual Deus não se arrepende da sua criação, mas em qualquer situação a recria internamente para atraí-la novamente a si.

Este pensamento funda em bases realmente sólidas o amor autêntico e a gratuidade: dar não é perder, mas viver mais plenamente; perdoar e ser perdoado não é recoser ou remendar, mas recriar e ser recriados no Espírito por virtude da “paixão” que levou Deus a participar-nos a sua vida e a participar da nossa existência.

O primeiro esforço da nossa reflexão pessoal e do anúncio evangélico, será *compreender a Revelação de Deus, como nos é manifestada em Cristo*, o único capaz de representar a plenitude de Deus e a sua universal vontade salvífica<sup>5</sup>.

Uma linguagem que fuja das simplificações ou ambigüidades e que se deixe instruir pela luminosidade evangélica, mantendo algumas tensões sem ampliá-las ou diminuí-las, deveria ser a atitude de cada educador da fé, para poder garantir a todos *o encontro confiante com um Deus que dá segurança*, capaz de realizar toda reconciliação, capaz, depois de todas as nossas tentativas e do reconhecimento da nossa

<sup>4</sup> cf. Ap 13,8

<sup>5</sup> cf. Cl 2,9

impotência, de “consolar-nos em qualquer tribulação”<sup>6</sup>, de realizar todo bem a que nos tivermos tenazmente afeiçoado<sup>7</sup> e, enfim, capaz de “enxugar toda lágrima”<sup>8</sup>.

### “Por meio de Cristo”<sup>9</sup>

Esta atitude de Deus para com o homem revela-se na existência de Jesus, que o reproduz em seus gestos e ilumina com suas palavras. Ele reconcilia em si o humano e o divino: assume o homem e enche-o de Deus; faz de todos nós “uma só criatura”, abate o muro de toda divisão<sup>10</sup> e reúne a humanidade que se dirige à realização definitiva numa história com vicissitudes alternadas. Ele instaura a possibilidade do homem e da humanidade nova, propõe-na com seus ensinamentos, inicia-a no Espírito com a sua morte e Ressurreição.

Anuncia, por isso, a misericórdia, pede a conversão, atua a reconciliação e entrega-a à sua Igreja como dom e missão: “Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos deu o ministério da Reconciliação”<sup>11</sup>.

Há no Evangelho muitas cenas de reconciliação e de perdão das quais uma *lectio* cuidadosa pode tirar tesouros infinitos. Estas cenas atingem particularmente a nós, que temos predileção pela contemplação de Jesus Bom Pastor, e de bom grado nos detemos a ressaltar as suas características.

A reconciliação nas narrações do Evangelho é sempre iniciativa de Jesus: não é a pessoa, homem ou mulher, que por primeiro pede ou deseja o perdão, mas é Jesus que o oferece.

<sup>6</sup> “cf. 2Cor 1,4

<sup>7</sup> cf. Mt 25

<sup>8</sup> Ap 21,4

<sup>9</sup> cf. 2 Cor 5, 18

<sup>10</sup> cf. Ef 2,14

<sup>11</sup> 2Cor 5,18

A pessoa, quando muito, sente-se sob a opressão do sentimento de culpa ou da condenação social. Muitas vezes é movida pelo interesse da própria saúde, pela curiosidade ou por um interrogativo espontâneo ou imediato.

É Jesus quem se dirige a Levi<sup>12</sup>; é Jesus quem olha em direção de Zaqueu e se convida à sua casa<sup>13</sup>. É Jesus quem vem em defesa da mulher pecadora<sup>14</sup> e da adúltera<sup>15</sup>. É Jesus quem pronuncia o perdão ao paralítico descido do telhado em busca de saúde<sup>16</sup>. É Jesus quem olha para Pedro, já esquecido da sua infidelidade<sup>17</sup>.

O caminho de reconciliação – essa é uma outra constante – não tem início com a acusação das culpas, mas com o sentir-se “pessoas” reconhecidas, em nova e inesperada relação, oferecida gratuitamente, que ilumina a vida e faz ver dela ao mesmo tempo a deformidade e as possibilidades. À origem do desejo de reconciliação há sempre o impacto da palavra ou da pessoa que desperta a nossa letargia numa existência depauperada e nos chama a ser.

É preciso, pois, ir além da mentalidade que se fixa nas infrações ou na realização dos propósitos como elemento principal que leva à reconciliação. É necessário, porém, colocar-se diante das próprias relações com Deus e ver se Ele conta para nós, se percebemos a sua presença e ação em nossa vida, se esperamos muito dele, se interessa-nos muito não perdê-lo.

A coisa mais importante para nós e para a nossa atividade pastoral é reconhecer, apreciar e proclamar a misericórdia de Deus, e concentrar a atenção sobre Ele, Pai de Jesus e nosso.

<sup>12</sup> cf. Lc 5,27

<sup>13</sup> cf. Lc 19,5

<sup>14</sup> cf. Lc 7,48

<sup>15</sup> cf. Jo 8,10

<sup>16</sup> cf. Lc 5,20

<sup>17</sup> cf. Lc 22,61

A misericórdia de Deus recompõe a história que diversamente se desfaz, e restabelece continuamente a aliança descuidada pela nossa fraqueza ou esquecimento.

A experiência da reconciliação no Evangelho é, por isso, sempre uma experiência de superabundância de graça, além do racional, de alegria e plenitude. Há grande festa para quem se converte, com escândalo das “pessoas de bem”. Há derramamento de perfumes custosos, com queixas dos poupadores. Há um banquete e convites estendidos a todos, com murmurações da gente de bem. Há liberação de culpas, injustificadas aos olhos do homem, sem garantia, e uma amável compreensão do humano que aproxima-se da ingenuidade.

O contexto da reconciliação é sempre de louvor e ação de graças, reproduzindo o que repetidamente cantam os salmos: “Celebrai ao Senhor porque é bom; porque perene é a sua misericórdia”<sup>18</sup>. “Bendiz ao Senhor, minha alma... Ele perdoou todas as tuas culpas e sarou todas as tuas enfermidades”<sup>19</sup>.

A sinfonia de motivos com que se apela à reconciliação como acontecimento de relações e de vida, mais do que como fato religioso, comunica o que acontece na pessoa quando descobre que tem valor para Deus e é por Ele amada.

## **Amor gratuito e práxis salesiana**

A grande mediação e instrumento de reconciliação foi e continua sendo a humanidade de Cristo. Ela abateu todos os muros e distâncias entre Deus e os homens. Com ela, a comunicação de Deus conosco chegou aos máximos níveis possíveis.

Trata-se de uma afirmação que tem implicações extremamente concretas em nossa vida e práxis pastoral. Chega-

<sup>18</sup> SI 106(107)

<sup>19</sup> SI 102(103)

se dificilmente ao desejo de reconciliação sem a experiência humana da acolhida. A práxis pastoral do Bom Pastor sugere, pois, que se saiba aceitar com gratidão o afeto que nos é oferecido e demonstrar consideração, estima e escuta das pessoas. Essa é a via que leva a reexaminar a própria vida e ao desejo de mudança.

Justamente isso faz perceber que os aspectos mais luminosos do nosso carisma já são “reconciliação”. A característica “*preventiva*” da nossa pedagogia é um reflexo imediato do coração misericordioso de Deus<sup>20</sup> e, portanto, autêntica atuação humana da reconciliação que ele é e oferece: a revelação cristã afirma, de fato, que Deus previne não só enquanto Criador, mas também como Redentor, porque só pela sua iniciativa é possível ao homem desejar realisticamente os dons que dela provêm.

A “gratidão ao Pai pelo *dom da vocação divina* a todos os homens”<sup>21</sup>, de que falam as nossas Constituições, é a comoção com que nos aproximamos de qualquer jovem, porquanto pobre seja, seguros de que existe nele a nostalgia de uma dignidade maior, de um “paraíso” não tão perdido que Deus não o possa dar de novo.

A *amabilidade* que marca nossas relações é manifestação experimentável do projeto e do desejo de Deus, também e justamente pelo menino difícil que perdeu qualquer sinal de uma possível alegre comunhão com as pessoas e a vida.

O *otimismo* é o reconhecimento daquela intenção divina de felicidade, jamais negada, sempre presente em algum traço de bem, mesmo pequeno, pelo sinal talvez já debilíssimo, mas que deve e pode ser despertado, também com a simples oferta de simpatia humana, em que o divino e o humano se “con-cretizam” e crescem juntos: representação daquela “humanidade e

<sup>20</sup> cf. C 20

<sup>21</sup> C 11

benignidade do nosso Salvador”<sup>22</sup> pela qual encontrar o Senhor era ver a Deus.

*A consistência, o descortino e a laicidade do nosso estilo pastoral* são, enfim, a forma mais radical da convicção de que a paternidade de Deus e a sua Soberania se manifestam e se tornam críveis nos sinais de libertação do mal e na oferta de vida digna para todos. Onde quer que haja o cuidado por um pequeno, ali Deus é bendito: por isso, a realização lúcida da nossa missão de evangelização-promoção-educação tornar-se-á reconciliação também onde ela, por mil motivos, não é nem pedida nem querida nem sonhada nem tematizada como tal: reconciliação como graça antecedente, concedida “quando ainda éramos pecadores”<sup>23</sup>.

O Reino já se faz presente na acolhida da necessidade juvenil, do “sabes assobiar?” ao “catecismo”, sem solução de continuidade, sem barreiras, sem contraposições ou ciúmes.

Uma reflexão análoga pode ser levada também à vida de nossas comunidades, e espero que a façais. É um reflexo de Deus, e é uma sabedoria humana, o fato de que em nossas relações tudo passe preferencialmente através *da lógica do coração, do espírito de família* e de caridade, de estima e de confiança recíprocas<sup>24</sup>.

É realmente verdade que a reconciliação passa mais pela humildade e pela coragem de dar o primeiro passo e menos pela espera do outro, mais ou menos entrincheirada. E é sobretudo verdade que os caminhos de reconciliação são percorridos dentro de relações em que o outro se sente mais promovido do que julgado.

Aprofundar o espírito de família em vista dos caminhos de reconciliação significará dizer-nos com solidez o que é para nós,

<sup>22</sup> Tt 3,4 (Vulg)

<sup>23</sup> Rm 5,8

<sup>24</sup> cf. C 65

além do formal, comunicação fraterna, silêncio, iniciativa e paciência, pureza e correção fraterna. De modo mais radical, observando tantas situações comunitárias perguntemo-nos: o quanto será necessário imitar o amor antecedente de Deus e a bondade do Bom Pastor para erguer um irmão amargurado, desiludido, ferido pela vida, ressentido pelos muitos erros cometidos ou sofridos? Como se faz para dar vida nova a quem está tão “mortificado” a ponto de não mais achar em si recursos de resgate?

## 2. O AMOR LEVA AO JUÍZO

A gratuidade incondicional de Deus, o fato de que “Deus é luz e nele não há quaisquer trevas”<sup>25</sup>, barra a estrada à interpretação da bondade de Deus reduzida ao simples “não fazer caso”, à identificação do perdão com um “não dar importância”, ao perdão da culpa que não seja verdadeira destruição do mal, à compreensão da misericórdia desarticulada da justiça, ao pensamento da justificação que não comporte qualquer juízo sobre nossas orientações, atitudes e ações.

Esta é uma consideração que deve ser amadurecida gradualmente, mas deve ficar logo claro que se a misericórdia é algo de anterior, gratuito, absoluto e total, é justamente isso que torna *o mal radicalmente inaceitável*.

O mal, especialmente em sua forma mais extrema, que é o pecado, não pode integrar-se de modo algum no contexto de amor e de dom que emerge da nossa vida e que nós percebemos no pensamento de Deus. O mal é sempre desintegrador. A percepção da sua malignidade será tanto mais aguda quanto mais for suscitada pela experiência radical do bem.

A reconciliação, o fato de ser amados incondicionalmente,

<sup>25</sup> Jô 1, 5

então, *não exclui, mas fundamenta um juízo sobre nossas intenções e ações*. O amor gratuito de Deus, ao mesmo tempo antecedente e misericordioso, não elimina nem diminui ou contradiz a exigência ética no agir do homem, mas dá-lhe um fundamento mais sólido e absoluto, torna-o lúcido e realiza-o. Não cancela a consideração das contradições humanas, mas ensina como desmascará-las, governá-las e superá-las.

O dom e o conhecimento da vida de Deus, justamente porque com Jesus se fizeram carne, devem tornar-se vida do homem. O nosso desejo de reconciliação e o apelo à misericórdia de Deus, portanto, não deverão ser interpretados confinando o ético no subjetivo, como se não existissem referências para distinguir o que é bem e o que é mal, nem segundo aquela costumeira falta de energia, que torna impossível a determinação de qualquer bem que não seja apenas o reconhecimento da existência, liberdade e espaço do outro.

A gratuidade de Deus não é esquecimento ou suspensão de justiça (ausência de juízo). Para Ele “não existe bondade sem justiça”!

## **Deus misericordioso e justo**

Este aspecto deve ser ilustrado também à luz da Palavra numa passagem de milênio caracterizado por uma multiplicidade de imagens de Deus, muitas vezes confeccionado segundo a subjetividade. Quando Deus fala ao homem, fala a “este” homem, não fala nunca de forma abstrata. A Revelação é súbito pedagogia: iluminação da realidade, proposta de vida verdadeira, tempo de longa paciência, acolhida amorável da dureza do nosso coração por parte de Deus.

Por isso a Escritura fala tanto do *amor* de Deus como da sua *ira*; por isso Javé é um Deus *terno* e *ciumento*, chamado de *rico*

*de graça*, mas também *de lento à ira*; por isso Jesus conta as parábolas do Reino, unilateralmente luminosas, mas também as da recusa, claramente tenebrosas; por isso Jesus é a *novidade absoluta*, mas como *realização* e, por isso, a *superação da Lei Antiga* é o *Mandamento do Amor*; por isso existe um Antigo e um Novo Testamento e, no Novo Testamento, uma tensão entre o pré e o pós pascal; por isso a Ressurreição é o resultado da Paixão.

Trata-se, para compreender os caminhos da reconciliação, de *articular estas dialéticas, não de eliminá-las*. A nossa meditação e a linguagem religiosa deverão ter igual cuidado em *falar bem de Deus* como em *dirigir-se realisticamente ao homem*, anunciar a incondicional *acolhida* divina e individualizar as situações da *recusa* humana, iluminar a *confiabilidade* de Deus e denunciar a *incredulidade* do homem.

Um anúncio ou uma catequese muito “otimista” (que minimize a responsabilidade do homem) pode ser tão danosa quanto a oposta versão “pessimista”. A *oferta do perdão* deve ser sempre coordenada com a *necessidade do arrependimento*, antecedente ou conseqüente, reconhecido ou suscitado que seja.

É preciso, nisso tudo, uma grande vigilância na reflexão e na palavra. O amor e a ira de Deus não estão no mesmo plano, assim como não o estão salvação e juízo, ligar e desligar, perdoar e reter, denunciar e perdoar, afagar e castigar. Uma reflexão pessoal madura e um bom anúncio articulará os termos dessas polaridades segundo os critérios da *co-presença* e da *assimetria*. Mostrará como a ira é uma modalidade do amor, como se liga para depois desligar, como os “não” estão em função de “sim” maiores. E fará ver que de aqui se originam qualquer sucesso, qualquer risco e qualquer falência em campo educativo, no céu e na terra.

A doutrina cristã é extremamente instrutiva no âmago da salvação e do juízo, na co-presença e assimetria: não mancha a

imagem de Deus apresentando-o como juiz “objetivo e distante”, mas também não tira a responsabilidade do homem.

Qualquer afirmação cristã encontra o seu núcleo na Páscoa do Senhor, onde acontece que o nosso Juiz é o Redentor! Em decorrência, os cristãos afirmam a existência tanto do Paraíso como do Inferno. Sabem, porém, por declaração autorizada da Igreja, que no primeiro existem muitos irmãos e irmãs, enquanto não sabem com segurança se existe alguém no segundo. Ninguém deixa este mundo com sinais de condenação certa.

Vontade salvífica universal e possibilidades de uma recusa extrema são ambas afirmadas, mas como assimétricas: a primeira é a realidade mais estável que exista, a outra, uma possibilidade que Deus realmente não deseja; uma, é oferta positiva de Deus, a outra, apenas um êxito eventual sofrido por Ele.

## **O sentido do pecado**

O que vimos dizendo tem uma incidência evidente em nossa vida. Nada é mais imperioso do que o amor! O mais grave, nos fatos como na consciência, é ter ferido um verdadeiro e grande amor. E assim por diante, ter feito mal a uma pessoa boa, ter desprezado algo de indefesamente belo, é o que provoca os sentimentos de culpa mais violentos. “É o mesmo amor que queima no paraíso e no inferno: o fogo do amor de Deus”(Urs Von Balthasar), amor acolhido, num caso, recusado no outro.

Um discurso sobre o amor de Deus é necessário, mas não suficiente. Quando se deseja falar responsabilmente de reconciliação, deve-se assumir as contradições do mal e da culpa humana. Se o amor é o horizonte último da vida de Deus e do homem, quais as conseqüências de viver carregando um amor recusado ou ignorado, e que libertação pode existir para tal situação?

A situação de recusa renova-se desde sempre e é dominante em todos. São muitas as divisões que se produzem no coração e na vida dos homens. Podemos enunciar uma longa lista deles em medida macro, média e pequena, presentes no contexto histórico ou em nossas comunidades.

Os últimos documentos da Igreja acrescentam as macro conseqüências do mal: a violação da dignidade humana, a discriminação racial, social, religiosa, a prepotência do poder político e econômico, a violência e as agressões bélicas, a exploração do pobres, a distribuição injusta da riqueza, a corrupção na administração dos bens comuns. A divisão, a contraposição e até mesmo o ódio puseram raízes na consciência depois de acontecimentos históricos impensáveis, mas que aconteceram.

Uma vez que o horizonte educativo nos é conatural, limito-me ao panorama juvenil, detendo-me não tanto nos fenômenos mais vistosos freqüentemente comentados, como as formas extremas de fuga, o conflito social não resolvido ou a libertinagem, cujo potencial destrutivo é visto a olhos nus.

Vou de preferência às divisões mais interiores, que, segundo a instrução de Jesus, constituem a raiz das outras que aparecem mais. O panorama juvenil apresenta-se rico de encruzilhadas entre possibilidades e carências. Encontramo-nos, de fato, com gerações dilaceradas entre impulsos e retrocessos, contraditórios e não conciliados: os jovens de hoje são individualistas e solidários, consumistas e espiritualistas, racionalistas e *casuais*, divididos entre afetos e efeitos, emoções e responsabilidades, estética e ética; mais de perto, são sensíveis aos temas da paz, mas empenham-se menos no fronte da justiça; são cheios de informações, mas fracos na reflexão; têm um sentido aguçado de liberdade, mas são sempre incapazes de decisão; despertam-se ao discurso sobre os valores, mas são reativos ao apelo de

suas exigências incondicionais; são abertos e aparentemente desinibidos nas relações, mas devem fazer muito esforço para administrar os conflitos em termos não regressivos; reconhecem a importância do corpo, mas fazem dele terreno de experimentação indiscriminada, subtraída à responsabilidade ética; não têm problema em admitir que Deus exista, mas não suportam que Ele tenha um rosto: querem-no “à mão” e na medida de si.

Mais formalmente, sofrem ainda dos resíduos modernos do dissídio entre liberdade e lei, espontaneidade e regra, intuição e procedimento, corpo e alma, identidade pessoal e pertença cultural.

Pode-se fazer uma descrição análoga do que acontece conosco como consagrados, individualmente e como comunidade. Contradições, divisões entre o expresso e o praticado, incoerências entre o exigido e o dado estão na ordem do dia. O descuido da vigilância na avaliação não estará por acaso obscurecendo a mesma experiência do amor de Deus tão lucidamente confessada e professada?

Eis porque *a preocupação em unir e distinguir acolhida e responsabilidade, dom e dívida*, é uma indicação cultural e pastoral realmente urgente: reconciliação, neste sentido, significa elaborar em nós e oferecer aos jovens *uma experiência capaz de unificar as polaridades de que a vida é constituída e de pensar as tensões negativas que deixam o espírito dividido*.

Creio que não é necessário comentar longamente o quanto isso está relacionado com o “sentido de pecado” cujo abrandamento até ao desaparecimento é lamentado hoje em vastos setores, não sem razão. “Restabelecer o justo sentido de pecado é a primeira forma de enfrentar a grave crise espiritual que paira como ameaça sobre o homem do nosso tempo”<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> *Reconciliatio et Poenitentia*, 18

A maturidade de juízo à qual o amor faz chegar, consiste justamente em perceber as possibilidades oferecidas pela vida e os riscos correspondentes que a ameaçam. Perceber apenas uma dessas dimensões é distorção visual e no fundo infantilismo. Todo bem tem o seu contrário que se lhe opõe no mais profundo de nós mesmos e no mundo que está ao nosso redor: amor e ódio, compromisso e indiferença, retidão e deslealdade... no fundo, luz e trevas, vida e morte.

Restabelecer o sentido do pecado em nós e naqueles aos quais se dirige o nosso ministério comporta perceber a referência que as nossas atitudes e ações têm com o amor de Deus e a incidência que a nossa relação com Deus tem sobre os irmãos e o mundo; compreender, conseqüentemente, o potencial destrutivo que o mal tem também quando lhe damos espaço nas ações hoje consideradas “privadas” e assumir a responsabilidade dos seus efeitos sobre nós e sobre a história pequena e grande.

## **A formação da consciência**

O ambiente em que estamos imersos leva-nos, quase sem percebermos, a uma certa indiferença diante do mal moral, a um nivelamento de avaliação e, portanto, a diminuir a culpabilidade e a vigilância. Vêm-se de todas as cores e não se faz grande caso. Estamos como habituados ao fato de que cada um escolha a própria forma de vida, desde que não viole as normas da convivência e os direitos dos outros.

O juízo corrente a respeito de tendências e comportamentos é fundamentado freqüentemente em razões imediatas: estatísticas, vantagens pessoais, situações de dificuldade. A análise das culturas permite ver o quanto dependam delas normativas que se tornam absolutas. Foram relativizados, julgando-os mutáveis e não perenemente obrigantes, o sentido do pudor, o respeito da

autoridade, uma certa forma de matrimônio, a expressão da sexualidade.

O sentido de Deus tornou-se fraco. A sua imagem obscureceu-se na consciência pessoal e social de muitos. Isso torna difícil pensar que as ações humanas tenham algo a ver com a vontade de Deus. Preocupamo-nos em não nos desconstruirmos com os vizinhos e não ofendermos aqueles que estão ao nosso redor.

O estudo dos comportamentos humanos atribui “os sentimentos de culpa” ao tipo de personalidade, à educação familiar, ao ambiente social. Sublinham-se os seus condicionamentos e a urgência de libertar-se deles, mais do que o apelo à responsabilidade que possam conter.

Criou-se um divórcio entre moral “privada” e moral “pública”, pelo que muitas coisas, até de relevância social já são deixadas às opções individuais: aborto, eutanásia, divórcio, homossexualidade, fecundação. Existe uma sensibilização sobre isso tudo, em âmbito social e também educativo, mas com frequência faz-se referência apenas aos riscos e precauções a serem tomados; não se oferece uma sólida fundamentação ética, muito menos com relação ao transcendente.

Tudo isso influi sobre os jovens como uma nuvem tóxica. Não se deve estranhar que surja neles um conjunto de sintomas e reflexos da cultura que respiram. A sua formação moral é fragmentária. Tomam, de fato, critérios e normas de fontes diversas: da família e da escola, das revistas e da televisão, dos amigos, da reflexão pessoal. A opção é ditada por preferências subjetivas.

O ambiente, no mesmo sentido, influi sobre os adultos, religiosos e educadores, se não os mantiver vigilantes a leitura atenta da Palavra de Deus e o discernimento. Pode-se amortecer a sensibilidade. Passamos, dessa forma, como que seguindo a lei

do pêndulo, de uma mentalidade anterior severa e de culpa a uma outra de sentido oposto, descompromissada e jocosa; do ter visto o pecado em tudo a não vê-lo mais em nada e em ninguém; da insistência sobre os castigos que o pecado merece à apresentação do amor de Deus sem responsabilidade por parte do homem: a sua sorte seria “a mesma”, qualquer que fosse a resposta dada ao seu Senhor; da severidade em corrigir a consciência errônea ao respeito que não se preocupa nem sequer em formá-la; dos dez mandamentos aprendidos de cor a não mais ensinar uma vida cristã coerente.

Ser “cristãos adultos”, “verdadeiros educadores da fé”, evangelizadores realistas significa não desconhecer ou dissimular a presença do mal, na vida privada e social e estar conscientes de suas capacidades destrutivas; saber que Cristo venceu todo o mal e nos oferece todo o bem; saber individualizar o mal em suas raízes e manifestações, iluminados pela Palavra de Deus; estar conscientes de que, com a sua encarnação, paixão, morte e ressurreição, Jesus nos indica o caminho para superá-lo: entrega confiante a Deus, resistência, vigilância, luta intelectual, moral, espiritual.

### **Juízo e vida salesiana**

Limito-me a sublinhar, do ponto de vista do nosso carisma, como era esplêndido o equilíbrio pessoal, pastoral e pedagógico de Dom Bosco, que somos chamados a continuar e atualizar. Ele educava com a palavra ao ouvido e com o cuidado do ambiente, com o afeto pessoal e um regulamento preciso; era um padre de quem todos sentiam-se preferidos e mestre capaz de propor, fazer entender e assimilar as exigências da vida comunitária e da missão, atento em avaliar com sabedoria e prodígio de energia empresarial.

Em relação à reconciliação, aparecem em Dom Bosco tanto a intuição da qualidade que promove, possuidora do bem por sua natureza, quanto a percepção aguda do desastre produzido pelo pecado, até à somatização! É notável, na linha daquela dúplice atenção que chamamos de co-presença e assimetria entre graça e juízo, o fato de Dom Bosco, em seu código narrativo, falar sempre *in recto* do bem, mas exprimir-se sempre *in figura* (sonhos, elefantes, monstros, imagens, acenos...) a propósito do mal, afirmando assim a justiça de toda obra boa e a injustificabilidade de qualquer obra má. Por outro lado, ele fez desse seu modo de exprimir-se uma indicação pedagógica precisa para os seus seguidores.

A lógica do coração não anula o dever da responsabilidade, e o espírito de família não elimina o serviço da autoridade. Pelo contrário, sustenta-a: de um lado porque é fruto do mesmo espírito de família, e de outro, porque a abdicação ao serviço da autoridade leva as tensões a níveis insuportáveis tornando com frequência praticamente impossível conter o mal de tipo individualista, derrotista e regressivo.

O serviço da autoridade como capacidade de orientação, apelo e correção é um sacrifício, mas em favor do bem comum, dirigido por uma visão realista das coisas, indispensável nas situações em que os caminhos da persuasão devem ser utilizados ou, tendo sido percorridos, foram frustrados.

Este pensamento provém da consideração das tensões vividas em nossas comunidades, por motivos de geração, de compatibilidade ou de colaboração difícil; o que, às vezes, parece ver são obediências límpidas, às quais não corresponde um reconhecimento afetivo, e claras desobediências, às quais não segue uma providência efetiva. Em outras palavras: muitas vezes, não se sabe como manter unidas justiça e bondade.

Ora, a clareza da própria posição vocacional/comunitária

e a retidão no exercício do próprio papel são a premissa para um maior discernimento espiritual e, portanto, para caminhos de reconciliação ao mesmo tempo mais justos e melhores.

### **3. CONVERSÃO E VIDA NOVA NO ESPÍRITO**

Unimos neste terceiro passo os dois pontos anteriores, antecipando também desta vez aquilo que queremos sugerir: *a reconciliação comporta o discernimento* em duas direções: uma “escavação no passado”, para nele descobrir os sinais do amor de Deus e do bem que ele depositou em nós, e para renegar tudo o que tenha sido, de nossa parte, incredulidade, ingratidão, dureza, temor, violência; e um “colocar-se no futuro” como entrega confiante à força renovadora do Espírito, reconhecimento e aceitação daquele mais de amor, comunhão e perdão, que a vida nos pede, como apelo à nossa liberdade, como responsabilidade do nosso ser precedidos, envolvidos, acompanhados e esperados pelo amor divino.

Quando digo “discernimento” não penso em algo apenas “intelectual”, mas no “coração” bíblico, no centro da alma no momento em que se decide, se resolve, se determina, no bem diante de si e dos irmãos, ultimamente diante de Deus.

“Reconciliação” é uma palavra de total significado positivo, mas que denota a superação de algo negativo. O homem é, desde sempre, destruidor da aliança de amor e, por isso, o amor humano é sempre acompanhado de reconciliação. Os cristãos não são nem pessimistas nem otimistas em relação ao homem: olham simplesmente para a história imediata e ampla, também porque é nela que Deus se revelou; pensam portanto numa bondade originária do homem em termos reais, isto é, limitada e perdida; pensam no pecado original como continuamente reativado pelo pecado pessoal, embora tenha sido derramado o sangue de Cristo.

As vantagens desta compreensão são notáveis, porque há grande diferença entre estar no mundo pensando que todos são bons e que tudo deva funcionar, fazendo com que a vida se torne espaço de mil decepções, e estar no mundo sabendo que ele caminha como pode, mas procurando fazer acontecer o mais possível o milagre do amor, tornando a vida espaço de alegres surpresas!

Insistamos, pois, com razão, na educação ao amor. Educar ao amor, porém, é ensinar a considerar o perdão, a recomposição, a reaproximação e a reconciliação como modalidades em que o amor se torna possível e concreto.

Correlativamente, educar e educar-se à fé não é tanto adquirir ou comunicar o conhecimento de que Deus é nosso Pai, mas um retornar a Ele. O ato de fé é a superação da incredulidade, qualquer forma teórica ou existencial que tenha tomado. Já existe aí uma distância a ser superada, para poder acolher a vinda de Deus. Não por acaso, o dispor-se à acolhida da alegre mensagem é marcado por Jesus de uma maneira que, vendo bem, é surpreendente: “Completo-se o tempo e está próximo o Reino de Deus: *convertei-vos e crede* no Evangelho”<sup>27</sup>. A conversão abre a porta da fé.

O anúncio da terna paternidade de Deus não pode ser feito senão na forma de convite ao retorno. Pode parecer duro, mas é animador e sobretudo evangélico, porque significa que ninguém é jamais subtraído à oferta da paternidade divina: todos são esperados e ainda podem chegar até ela e gozar dela sem medida.

## **O retorno a Deus**

A ocasião extraordinária do Jubileu para o início do milênio convida-nos a ir a fundo mais do que a navegar na superfície dos fenômenos. São Paulo, na seqüência do título desta carta, suplica:

<sup>27</sup> Mc 1,15

“Deixai-vos reconciliar”<sup>28</sup>, indicando assim que a reconciliação é resposta à iniciativa de Deus.

Perguntemo-nos: por que a Reconciliação é algo que o homem não pode encontrar por si, mas é, antes de tudo, ação de Deus? Por que ao homem toca o esforço da fé, entrar num perdão oferecido, corresponder a uma iniciativa de Deus? O que fizemos, o que arruinamos, a ponto de tornar tão difícil, ou melhor, impossível, a comunhão com Deus e entre nós homens contando apenas com as nossas forças? Qual a razão pela qual a história da salvação é o desejo de Deus de fazer aliança com o homem e, portanto, chegar à reciprocidade do amor, e entretanto ela deve ser sempre novamente proposta pela obstinação unilateral do amor de Deus? Em termos mais radicais: por que a nova e eterna aliança é selada na solidão de Jesus crucificado? O que se produz no dinamismo da liberdade humana após o pecado? Por que se produziu desde sempre algo como o pecado, isto é, suspeita, recusa, orgulho, auto-suficiência, incredulidade, também em relação a Deus?

Um primeiro elemento de resposta é este: a vertigem que faz precipitar no mal é o desejo do nosso bem! *A reconciliação é algo delicado porque toda divisão insurge sobre uma certa percepção e expectativa do bem.* Não por acaso Jesus ensinou-nos a rezar colocando em nossos lábios a invocação “não nos deixeis cair em tentação”<sup>29</sup>, ou seja, não permitas que o apreço de teus dons nos faça esquecer a ligação contigo que és o Doador.

Esta vertigem é indicada pela Escritura no estímulo do tentador: “Ser como Deus”<sup>30</sup>: é uma tentação sutil porque se insere na intenção de Deus de criar-nos como seus filhos, colocar-nos no mundo como verdadeiras liberdades. Que o homem, de fato,

<sup>28</sup> 2Cor 5, 20

<sup>29</sup> Mt 6,13

<sup>30</sup> Gn 3,5

deseje de certo modo “tudo”, é o que o próprio Deus colocou em seu coração; mais fácil interpretá-lo como “ter tudo” do que como “receber tudo”; e é fácil pensar a liberdade como pura autonomia e não como dom; no primeiro caso produz-se uma desvinculação, no segundo caso um agradecimento; no primeiro caso a vida é solidão, no segundo é gratidão. A árvore do bem e mal sugere justamente este querer ter sem receber, este ser sem pertencer, este avaliar sem referências.

Há um segundo elemento de resposta à questão sobre a dificuldade do homem em reconciliar-se: a interdição do fruto da árvore na mente de Deus é *a sugestão da diferença entre Criador e criatura*. Trata-se de uma sugestão positiva porque garante e conserva a consistência original da criatura, chamada a estabelecer uma relação, a entrar num diálogo com Alguém que a quer tanto a ponto de fazê-la nascer. A serpente sugere, porém, que isso é subtração de uma importante cota de liberdade e felicidade, o que consegue obscurecer todo o “bem de Deus” que o homem tem também à sua disposição: suspeita, desconfiança, incredulidade em relação a Deus, a sua imagem obscurecida.

Contra isso tudo, qualquer religião, cristianismo compreendido, deve lutar continuamente. Entretanto, enquanto cada religião é marcada objetivamente por essa realidade, o cristianismo exclui-se dela: Jesus é o homem sem incredulidade, o Filho, a síntese de liberdade e pertença. O que já é indicado em Gênesis 3, onde é entrevista a futura vitória que vem da descendência da mulher<sup>31</sup>, chamado justamente de “Proto-evangelho” porque prenuncia o coração da salvação, “a obra que devemos fazer” para salvar-nos: ter fé, reproduzir a mesma “fé de Jesus”<sup>32</sup> em nossa humana entrega confiante a Deus e

<sup>31</sup> cf. Gn 3.15

<sup>32</sup> Jo 6.28-38

proporcionalmente nas relações humanas de confiança.

A parábola do pai misericordioso descreve as duas possíveis reconciliações a partir das duas macro-patologias da fé: a auto-suficiência ingrata e a insatisfação ressentida, a fuga e a escravidão, a distância e a aridez do coração, em todo caso uma paternidade mal-entendida. Quem poderia dizer que não nos dizem respeito?

O filho menor sente a cupidez de ter a própria parte; o filho maior trabalha honestamente na casa do pai. Por qual razão, então, o menor deveria interpretar que estar em casa era subtração da felicidade, e o maior, subtração da liberdade? Por que o menor não pensou que a herança estava segura exatamente no coração e na casa do pai; e por que o segundo não pensou que o cabrito podia ser pego por ele quando quisesse (“tudo o que é meu é teu”<sup>33</sup>)? Quanto custará, quanto será fácil ou difícil a reconciliação para um coração desconfiado e para um coração ressentido? Jesus sugere que é tão pouco fácil que o Pai deve colocar em jogo ainda uma vez a sua iniciativa, o seu amor antecedente: ao menor “correu ao encontro e abraçou-o”<sup>34</sup>; quanto ao maior, “o pai saiu para suplicar-lhe”<sup>35</sup>.

Jesus, porém, sugere da mesma forma, que tudo é também muito fácil: se a iniciativa é do Pai, então a nossa tarefa é apenas a de “deixar-nos reconciliar”, de entrar no perdão de Deus!

Somos, de qualquer modo, advertidos para sempre de um duplícipe aspecto dramático que vez por vez devemos atravessar: a incapacidade do filho menor de por si fazer a passagem do remorso ao arrependimento, e o êxito em suspenso da atitude do filho maior que se dará, infelizmente, fora da narração, e será a condenação à morte de Jesus.

<sup>33</sup> Lc 15,31

<sup>34</sup> Lc 15,20

<sup>35</sup> Lc 15,28

## A salvação nas raízes do mal

As dinâmicas que inserem toda divisão na vida das pessoas são as mesmas descritas por Gênesis 3 e Lucas 15. A incredulidade e as más relações que dela seguem, a convicção de que a felicidade deve ser mais conquistada do que recebida, que mais do que entregar-se é melhor arranjar-se sozinho, que as razões do amor, enfim, não são tão ingênuas como pareciam, mas são conseqüências do mal que vão configurando os nossos corações e as nossas relações.

As crianças, num determinado momento, após terem recebido tudo, fazem a experiência de ouvir dizer algum “não”. Para elas, aqueles “não” são uma crise de adaptação, para os pais uma simples modalidade do “sim”, modalidade acertada aqui e agora. Para os pais, contudo, é um risco, e para os pequenos uma encruzilhada dramática: é questão de instantes tornar ambígua e não confiável a figura do pai ou confirmá-la como luminosa e confiável; é questão de instantes dizer: “fá-lo para o meu bem” ou: “tira-me uma parcela de felicidade”.

Todas as crianças fazem, igualmente, a dolorosa descoberta de não serem o centro exclusivo e solitário de atenção e afeto. Entretanto, por que essa descoberta é vivida sob o signo do ciúme e da insatisfação mais do que da alegria? Por que num instante, é tão difícil ser receptivos e generosos? Por que os psicólogos registram que a oblatividade, mesmo tendo desde o início algum débil sinal, na realidade, é mais um objetivo?

É claro que isso tudo já é esforço de reconciliação: trata-se de aprender a viver no mundo na lógica do amor mais do que na do egoísmo, mais no estilo da circulação de dons do que no estilo do monopólio. Quantas experiências, porém, deve fazer e quantas decisões interiores deve tomar um menino, um jovem, um adulto para convencer-se de que o amor se multiplica, não se divide,

que o amor dá espaço ao outro sem que ninguém perca o próprio, que no amor não existe temor porque no amor verdadeiro ninguém é muito pobre e ninguém é muito rico!

Se é esta a tentação, a prova radical da vida já em nós mesmos, ela torna-se forte e difícil de superar pelas formas mais evidentes e mais difusas do mal: existem pais objetivamente não confiáveis, famílias desfeitas, amigos que atraíam; existem liames tecidos por interesse, erros cometidos em boa fé, a experiência do entender-se mal, do não compreender-se, coisas que causam realmente medo neste mundo; existe o provérbio “confiar é bom, desconfiar é melhor”; existem sentimentos e gestos maus; existem o ódio e a vingança, existe o monopólio dos bens e o abuso dos fracos, existem os homicídios e os genocídios.

A reconciliação, aqui no sentido mais largo do termo, torna-se difícil, porque não pode ser desejo regressivo do útero materno, retirar-se num oásis tranquilo, mas deve unir-se realisticamente com os compromissos de justiça, com as reivindicações justas, com a denúncia do mal, com a defesa do pobre e do inocente, com a neutralização do prepotente, com o paciente trabalho de construir a paz e a solidariedade.

### **Aspectos salesianos**

Entre os possíveis aspectos salesianos, parece-me de capital importância ler, à luz das reflexões sobre o difícil esforço de reconciliação, a profunda sabedoria do *“não basta amar”* de Dom Bosco: o *surplus* expressivo, exigido pelo amor em nosso carisma, é justamente motivado pelo fato que, para um coração ferido, como pode ser o de um menino pobre ou de um irmão provado, não é fácil voltar a nutrir em si mesmo aquela confiança que está na origem de uma resposta; o amor do educador ou do

irmão procura vencer, então, toda suspeita com a estratégia tranquilizadora da oferta de afeto tão gratuito e manifesto a ponto de vencer qualquer reserva.

O surpreendente é que todas as vezes em que acontece um contato de simpatia, como o que Dom Bosco descreve na relação com seus meninos, os corações soltam-se muito depressa também. Surgem daí dois ensinamentos: o primeiro é que a reconciliação é tão esperada, que, quando oferecida e favorecida mais do que exigida e pretendida, ela acontece logo! E o segundo, é que o educador que usasse o poder dos afetos de maneira instrumental ou sedutora, produziria desencanto, cinismo, violência que pode não ter iguais. Não há, de fato, experiência pior que a traição, porque a desilusão da confiança acontece lá onde alguém tinha feito o máximo investimento afetivo, quem sabe já com esforço e trepidação.

É até mesmo fácil intuir o esforço pedagógico exigido hoje dos educadores, para fazer frente ao consumismo afetivo, que atrai os corações com a sedução da amizade, do calor, da compreensão, do diálogo, ou mesmo somente como jogo lúdico, como estímulo emocional, mas sem responsabilidade e compromisso de vida.

Quanto ao que se refere à comunidade, precisamos visualizar melhor os grandes temas da nossa espiritualidade. O esforço deveria ser trabalhar muito mais e de maneira muito mais comunal sobre o que está pela metade do caminho entre a indicação geral de um projeto e o detalhe particular de um itinerário, ou seja, sobre experiências desabrochadas da vida e já possíveis de propor de maneira mais extensa.

A melhor premissa a qualquer reconciliação é o anúncio e a experiência da gratuidade a coragem do perdão pode nascer somente na redescoberta que o mundo não é fundado no cálculo mas no dom! E não há catequese, lição escolar ou evento lúdico

que não se preste para tornar os jovens atentos àquilo que existe de puro dom no mundo.

Dom Bosco dizia nessa linha, que a mais bela flor que possa desabrochar no coração de um menino é a gratidão: ajudar os jovens (e os irmãos!) a tomar consciência dos dons, experimentar a gratidão, agradecer com a palavra, retribuir com a vida, é o melhor modo de colocar a educação em seus dinamismos originários.

Uma segunda indicação para que a reconciliação se torne possível é a acolhida, a ser pensada de maneira correlativa à gratuidade, por ser a atitude que permite o dom de não se frustrar, de não se deter na fonte, de não se retirar prematura e mortificadamente, de ter uma história “humana”.

A acolhida funciona preventivamente e funciona retrospectivamente: faz o primeiro gesto e é capaz também de recoser eventuais rupturas, pedindo desculpas e perdão. A acolhida mostra que o amor dá espaço ao outro, enche o “não basta amar” de conteúdo tornando-se simpático e acolhedor, escutando de maneira envolvente, fazendo com que o outro se sinta importante, digno de consideração, não pré-julgando e nem sequer julgando, simpatizando com o ponto de vista do outro e suas boas razões, permitindo que o outro exista, que também erre, sem sentir-se muito embaraçado ou julgado mais do que isso acontece por si.

Hoje é pedagógica e espiritualmente qualificante elaborar uma sabedoria concreta que articule o grande mandamento do amor num código concreto, cotidiano, praticável, compreensível. A título de exemplo, muitas reconciliações não acontecem, e muito amor fica disperso, porque as nossas distorções espirituais, a nossa “educação”, a nossa história de pecado tornaram difícil distinguir bem entre reserva e fechamento, sinceridade e indelicadeza, solicitude e pressa, amor pela verdade e dogmatismo, doçura da caridade e fraqueza.

Estes exemplos referem-se sobretudo à área da relação pessoal, mas com um suplemento de reflexão não seria difícil desenhar um mapa de atenções para a reconciliação em nível comunitário, eclesial e também macro eclesial.

A orientação das nossas questões deveria ser mais ou menos esta: no que os homens, e particularmente os meus irmãos, se sentem felizes e promovidos no dom de si? No que se sentem mortificados? O que é inevitável por razões de justiça, de ordem institucional, de organização racional? O que, ao contrário, é evitável e, eliminado, o que concorre para diminuir as taxas de indiferença, marginalização, desmotivação, conflitualidade, facciosidade...? O que favorece ou desfavorece a instituição e a conservação do outro na forma de adversário, concorrente, estranho?

Uma terceira sugestão em vista da reconciliação é a *paciência*, entendida como esquecimento de si e realista acolhida do outro, como disposição prévia à compreensão e ao perdão, como “capacidade” de operar o bem, como comum e humilde reconhecimento de que somos todos fracos, falíveis e pecadores.

Dar início ao caminho pedagógico no qual o perdão é demonstrado como condição normal mais do que como ato ocasional e extremo, como honra mais do que como peso, como vantagem mais do que como perda, levaria irmãos e jovens a compreender melhor o coração de Deus e ter mais coração com os irmãos.

Neste sentido, quem quer que esteja empenhado na guia das almas, primeiramente da própria, bem sabe o quanto é difícil, mas também quantos frutos produz uma educação à lógica humilde e divina do primeiro passo, à capacidade de pôr fim no entrelaçar de erros cometidos e padecidos e olhar longe, oferecendo novamente amor de maneira incondicional.

Parece-me ser importante, para nossa alegria e – como educadores da fé – para não pregar o que não vivemos, experimentar ativamente a reconciliação em todas as formas mais espontâneas, e ao mesmo tempo *encontrar caminhos de reconciliação e de penitência mais expressas, reguladas, celebradas*. A questão que desejo trazer à baila é a seguinte: será possível, na fidelidade à nossa tradição, que na questão da reconciliação se apóia muito na figura do Diretor, favorecer formas mais participadas, menos reservadas mas mais comunitárias, presumivelmente menos delicadas mas mais genuínas, de reconciliação? Será possível entrar mais lucidamente na onda comunal que marca hoje a vida e a consciência da Igreja? Será possível subtrair também a Reconciliação sacramental da deriva individualista do só “colocar a própria consciência em ordem”?

Muitas vezes, no contexto de retiros espirituais foram oferecidos *momentos explícitos de verdade e de reconciliação* (breves intercâmbios a dois nos quais pedir desculpas, enfrentar um esclarecimento, agradecer, corrigir-se e pedir correção...), sempre com grande apreço por parte dos participantes, particularmente dos jovens. Esses momentos representam, para uma boa parte, uma oportunidade importante. De fato, alguém pode conviver com alguma frieza ou desilusão – não são o fim do mundo – mas sendo oferecidos um clima e uma situação apropriadas, acontece então a abertura humilde, o esclarecimento sincero, a acolhida da correção, a coragem da verdade. Pensava-se mal de alguém e, após quatro palavras, tudo é desdramatizado. A idéia é que, talvez, não baste apelar para a boa vontade e o ditado constitucional ao redor do espírito de família: alguns valores devem ser “ritualizados”.

Diga-se o mesmo dos caminhos penitenciais: um compromisso comunitário para produzir sinais um pouco mais

corajosos far-nos-ia bem, sem esconder-se logo atrás dos álibis das diferenças, da saúde, dos anciãos, do bom senso, sem objetar logo que se trata de radicalismos de elite, mas enfrentando as coisas com sinceridade mais direta! Por exemplo: o que poderia fazer uma comunidade que se reconhece aburguesada em seu estilo de vida para pedir perdão aos pobres no ano jubilar? O que poderia fazer para que essa reconciliação fosse visível?

Desejou-se apresentar em Apêndice às nossas Constituições, o escrito de Dom Bosco sobre os “*cinco defeitos a serem evitados*”<sup>36</sup>. Há um patrimônio de sabedoria concreta, verdadeiramente não genérico, mas carismaticamente marcado, que talvez tenhamos acolhido de forma moralista e esquecido em seguida. Examina-se em todos os pontos, nessa pequena página de Dom Bosco, a ótica de Congregação, com que como Salesianos deveríamos raciocinar imediatamente: reconciliação significará então, antes de tudo, revisão do próprio egoísmo, já na consideração das coisas e problemas que encontramos na vida cotidiana da comunidade, da pertença à Inspeção e à Congregação, da realização da missão.

Podem-se considerar hoje na mesma pauta algumas linhas da reorganização indispensável da vida no contexto atual, entendida como retorno ao Evangelho e às raízes da nossa vocação, considerando os elementos específicos da experiência religiosa salesiana em que nos sentimos em falta: quanto está vivo e expresso o amor a Cristo que esteve na origem e deve estar no centro da nossa vida consagrada? O que dizer do nosso desejo e esforço de atualizar o sistema preventivo para os jovens e as situações do nosso tempo? A missão salesiana não foi muitas vezes pensada e desenvolvida sob o signo do individualismo, da timidez, das visões estreitas? A comunhão fraterna visível, sinal da presença do Senhor e elemento de reconciliação no ambiente,

<sup>36</sup> Constituições, Apêndice, pp. 228-229

foi suficientemente real e expressiva? A comunicação aos leigos do nosso carisma e espiritualidade foi levada adiante sob o signo da esperança, da urgência, da graça que representa?

#### **4. O SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO**

Aquilo que dissemos expressa-se e realiza-se para nós, indivíduos, comunidade cristã, mundo, no sacramento. Ele é o evento de salvação que Deus torna disponível hoje com infinito amor por todos. Jorrado do coração de Cristo na plenitude da Páscoa, faz desejar e atua a reconciliação, o perdão, a possibilidade de ser recriados como filhos de Deus pela força do Espírito.

É um dos poderes, mandatos, serviços ou missão que Jesus entregou à Igreja de forma clara e solene: “A paz esteja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu envio a vós. Dito isso, soprou sobre eles e disse: Recebei o Espírito Santo; àqueles a quem perdoardes os pecados, ficar-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficar-lhes-ão retidos”<sup>37</sup>.

Estamos no dia da Ressurreição, no cenáculo, onde os discípulos estão reunidos, e Jesus mostra-lhes os sinais da sua morte e Ressurreição.

O Apóstolo iluminará, numa seqüência que não precisa ser comentada, a ligação Deus-Cristo-nós-vós: “Portanto, se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram; ei-las que novas surgiram! Tudo isso, porém, vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação. Efetivamente, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens os seus pecados e depondo em nossos lábios as palavras da reconciliação”<sup>38</sup>.

<sup>37</sup> Jo 20,20-23

<sup>38</sup> 2Cor 5, 17-19

A reconciliação, na missão da Igreja e em nossa experiência cristã pessoal, é substancial enquanto possibilidade de uma nova humanidade. A Igreja assume-a, propõe-na, atua-a em toda a sua extensão: na pessoa, na comunidade dos crentes, no mundo; com Deus, entre os homens, com a realidade, com a história e os acontecimentos, para que o Espírito faça nova todas as coisas. Propõe-na através de diversos caminhos: a Palavra, a oração, a caridade, o sofrimento aceito, a penitência, a Eucaristia.

Realiza-a segundo a sua natureza sacramental, mediante um sinal visível e humano que, pela fé, coloca em contato com a graça salvadora. Esclareceu, ao longo dos séculos, as suas condições para que leve ao verdadeiro encontro com Deus e a graça atinja as dobras recônditas da pessoa e da comunidade.

O sinal é, de fato, eficaz, também porque pedagógico, pois implica e educa a liberdade do homem. Esta nota é importante porque dá a idéia do sacramento não como rito purificador, mas como acontecimento: um encontro “humano” entre Deus e a pessoa na comunidade; encontro em que tanto Deus como a pessoa e a comunidade estão total e seriamente empenhados: Deus, com o oferecimento do perdão, a pessoa com o seu arrependimento sincero, a comunidade com a acolhida.

Pensar diversamente, isto é, que Deus perdoa sem necessidade de que o homem se torne consciente e se arrependa, seria aceitar que o sacramento funciona com distribuição automática (quando precisas dele apertas o botão!), sem participação da consciência humana, reduzido praticamente a rito mágico; dessa forma, se o sacramento fosse apenas representação do arrependimento humano, mas não gesto e intervenção de Deus, estaria reduzido a cerimônia, negado em sua eficácia segura.

No primeiro caso, Deus é negado em sua onipotência, porque instrumentalizado, dobrado às nossas finalidades e ao nosso horário; no segundo caso, é reduzido a alguém que, no

fundo, não ama, porque não se envolve em nossa vicissitude efetiva. Nos dois casos, a Igreja, que deve ser mediadora, continuação e atualização do mistério e do ministério de Cristo, seria reduzida a “agência de serviços religiosos”.

A catequese, mas antes ainda, a nossa compreensão adulta da Reconciliação sacramental, deve aceitar e realizar os gestos que reconhecem a disposição de Deus e exprimem as disposições do homem. No sacramento, com efeito, é elaborada e resolvida, à luz da Palavra de Deus, a trágica experiência do batizado que é o pecado e a culpa.

### **Um caminho de revalorização**

Não me detenho na apresentação do esforço da Igreja para manter genuína e integralmente os componentes do “sinal” sacramental, para não deseducar o homem com uma facilitação “distributiva” e para tornar claras as dimensões teológicas, históricas e antropológicas subentendidas na reconciliação.

O sinal sacramental foi melhor colocado no contexto comunitário da Família de Deus, a dor reconduzida à relação filial com Deus, o exame de consciência à tomada de responsabilidade à luz da Palavra de Deus em relação aos males que germinam em nós e àqueles que, com a nossa colaboração “barata”, acabam por ser enormes no mundo; o propósito, relacionado ao esforço de “converter-se” ao Evangelho e trabalhar por uma humanidade segundo o coração do Pai nos espaços possíveis de alcançar com a nossa existência e o nosso espírito; a “penitência”, vista como uma atitude e uma prática que passa do sacramento à vida e vice-versa, como vontade de repetir os gestos cotidianos do amor, como vigilância evangélica e participação na comunhão dos santos.

Não me detenho nem mesmo em analisar as causas gerais

de um certo esconjurado distanciamento do sacramento: não vos será difícil individualizá-las. Pensai no enfraquecimento da nossa relação com Deus, no ofuscamento do sentido do pecado e na dificuldade de reconhecer a mediação da Igreja; na vida espiritual descuidada a partir da oração e do individualismo da consciência, pelo que se gostaria de gerir a sós avaliações, culpas e remorsos; numa catequese carente e na desistência do ministério de muitos sacerdotes.

Não entro nem sequer no mérito do raciocínio, apresentado muitas vezes também por religiosos e gente empenhada na pastoral, sobre a inadequação para o homem de hoje da confissão pessoal, não genérica dos próprios pecados. Estou certo de que como educadores e pastores vos dais razões teológicas e pedagógicas dos componentes do sinal sacramental e estais também preparados para propor com eficácia essas motivações a jovens e adultos.

Ofereço, porém, algumas reflexões com uma visão ampla de conjunto.

Se a Páscoa é o resultado da Paixão, é preciso reconhecer que o nosso coração não é só belo, isto é, sede de aspirações e possibilidades, ou apenas frágil e limitado, mas é também pecado, e que “salvá-lo”, torná-lo novo<sup>39</sup> não é empresa pequena.

A fé cristã não fala de um Deus genericamente benévolo e de um homem genericamente instável ou limitado. Fala de um Deus que nos amou tanto a ponto de dessangrar-se por nós e fala de um homem cuja culpa é tão grave que a salvação resulta realmente onerosa.

Uma experiência espiritual madura e uma boa evangelização não deverão dissolver o mistério pascal numa “vontade” salvífica universal e abstrata, mas recordarão que se trata de uma vontade “salvífica” atuada de modo “crucificado”.

<sup>39</sup> cf. SI 50(51)

Há no acontecimento de Cristo uma ligação intrínseca entre encarnação e paixão, entre o “fez-se homem” e o “padeceu, morreu e foi sepultado”; assim como no caminho do homem há uma ligação intrínseca entre redenção e divinização, entre ser recuperado e liberto e tornar-se filho de Deus.

A superação de uma mentalidade e de uma catequese excessivamente fixadas no pecado não deve eliminar a “memória” de que foi preciso a morte de Jesus para que o perdão se tornasse uma possibilidade real<sup>40</sup>. O sacramento leva-nos também ao coração dessa realidade e liberta-nos da leviandade e do consumismo religioso.

Acrescento uma segunda reflexão. A história das culturas testemunha a consciência de que não se sai sozinho do mal e do pecado. O desgosto de si mesmos, o reconhecer-se culpados, o senso de culpa equilibrado ou excessivo, sozinhos, não constituem caminhos de saída do mal. Denunciam apenas a existência de um trauma.

Mais problemática ainda é a questão de se poder reconhecer verdadeiramente pecadores, sem por isso chegar à condenação de si mesmos. Uma resposta a essa questão não pode ser encontrada pelo homem com as próprias forças. A santidade de Deus e a maldade humana representam dois abismos dificilmente compenetráveis. Se alguém radicaliza a própria auto-condenação, chega ao ceticismo ou ao desespero; mas se acusa ou ignora a Deus, perde então o único interlocutor de uma possível salvação. Há toda uma literatura moderna que exprime esse dilema.

Por outro lado, se um verdadeiro perdão está garantido, o homem, com as próprias forças, jamais o entendeu: é o maior problema de todas as culturas e de todas as religiões. O motivo é simples: assim como o homem é ao mesmo tempo culpado e juiz na culpa, ele, por si só, não se pode dar o perdão.

<sup>40</sup> cf. 1Pd 2,24-25

O perdão deve “acontecer”, deve ser um evento, não uma dedução de princípios, um retorno arrependido sobre si ou um postulado do nosso desejo. Portanto, ou acontece ou não existe; ou é regulado (é justamente “*per-dom*”!) ou não pode ser pretendido.

Duas conseqüências. A primeira, por colocar o perdão “cristão”, e o sacramento que o significa, em seu ponto de luminosidade na experiência religiosa universal, num momento histórico caracterizado pela plurirreligiosidade. A suspensão de juízo sobre o perdão das culpas caracteriza as religiões, que nisso demonstram honestidade intelectual e moral. A mais lúcida é a hebraica. Sente-se nos salmos o suspiro de quem sabe que é culpado diante de Deus, está arrependido e se confia à sua misericórdia. A resposta que explicita o perdão garantido, porém, não é sentido a não ser em casos especiais pela boca de um profeta<sup>41</sup>.

É justamente aí que o cristianismo resulta universalmente interessante, porque anuncia uma possibilidade de libertação oferecida por Deus e ao mesmo tempo digna do homem. De fato, a salvação cristã, longe de ser “decreto” de anistia é evento do Filho de Deus que, na cruz, é ao mesmo tempo *Inocente* (sinal de quanto mal faz o mal) e *Culpado* (Ele agora é o “Maldito”, o objeto da reprovação de Deus<sup>42</sup>), *Juiz* (com a sua morte o Espírito “convence o mundo de pecado”<sup>43</sup>) e *Juiz na surpreendente forma de Redentor*: o juízo de condenação atinge-o em nosso lugar, Ele foi “feito pecado”<sup>44</sup> em nosso lugar! Dessa forma, Ele não quita, mas “tira”, “desenraíza” o pecado do mundo.

A segunda conseqüência refere-se ao apelo pessoal que o sacramento comporta e a sua inserção num estilo, caminho ou

<sup>41</sup> cf. 2Sm 12,13

<sup>42</sup> cf. Is 52-53

<sup>43</sup> cf. Jo 16,8

<sup>44</sup> cf. 2Cor 5,21

esforço de vida em Cristo. A libertação, o desenraizamento do mal não pode ser simplesmente um decreto de Deus. Se Deus não conseguisse persuadir-nos interiormente do bem, a ordem do mundo poderia ser estabelecida apenas como ordem policial, mas não seria mais um mundo de amor. E Deus só quer esse mundo!

O sinal sacramental, por isso, leva o evento da reconciliação ao recôndito último e personalíssimo do homem. Entre as tantas formas de mal que há no mundo, é ao mesmo tempo compreensível e estranho que a nossa atenção vá logo àquelas inevitáveis (doenças, terremotos, guerras ou flagelos nos quais não temos responsabilidade direta...). É sintomático que essa atenção, para não poucos, se transforme enfim em suspeitas e processos sobre a efetiva bondade e poder de Deus. Porque não nos escandalizamos mais com o mal que provém da liberdade, evitabilíssimo e contudo não evitado? Será realmente digno levantar acusações *antes* de reconhecer o mal que nós mesmos contribuímos para produzir e multiplicar? Por que, por honestidade humana e cristã, não nos tornamos conscientes do drama que há em nós, do fato de sermos atravessados por desejos bons e também maus, pela contradição de fazer o mal que não queremos e de não fazer o bem, embora queiramos, em lugar de procurar a sua “justificação”?

Ou por que, sempre como cristãos, em vez de formular questões abstratas, não contemplamos com maior atenção a Revelação de Jesus, que em nome do Pai e na força do Espírito realizou gestos de libertação do mal, e somente eles? E por que a nossa preocupação não é a de evitar o mal e de mitigá-lo nos irmãos?

## Sacramento e espiritualidade salesiana

A ligação salesiana com este tema é inexaurível. Compreende a experiência espiritual de Dom Bosco, o lugar central que ele deu ao sacramento da penitência em sua pedagogia para os jovens, o universo sacramental em que se desenvolve toda a espiritualidade salesiana e, não por último, a singular “história” de Dom Bosco como confessor de jovens que nós somos chamados a atualizar.

A experiência ininterrupta de Dom Bosco desde os primeiros anos da adolescência, no período do seminário, como jovem sacerdote e como homem famoso é apresentada sinteticamente pelo P. Eugênio Ceria com estas pinceladas: “Dom Bosco afeiçoou-se à confissão desde a mais tenra idade, nem qualquer mudança de vida serviu para diminuir nele a propensão amorosa de aproximar-se dela com freqüência... Estudante em Chieri e libérrimo de si mesmo, pensou logo em buscar um confessor estável... Padre em Turim, confessava-se a cada oito dias com o bem-aventurado Cafasso. Falecido o servo de Deus, recorreu ao ministério de um piedoso sacerdote já seu condiscípulo, que ia receber a sua confissão todas as segundas-feiras na sacristia de Maria Auxiliadora, confessando-se em seguida com o próprio Dom Bosco.

Durante as viagens, na ausência do próprio confessor ordinário, mantinha-se fiel à sua estimada prática, dirigindo-se a algum salesiano ou outro, segundo o caso: por exemplo, durante uma permanência de dois meses em Roma em 1867, confessava-se semanalmente como o Padre Vasco, jesuíta por ele conhecido em Turim.

Seus filhos, de início, hesitavam, mas ele: – Vamos, vamos, dizia, faz esta caridade a Dom Bosco e deixa que se confesse”<sup>45</sup>.

<sup>45</sup> CERIA E., *Don Bosco con Dio*, Roma 1988, pp. 162-163

É certo que ocorrem diferenças na organização da vida espiritual e da práxis sacramental entre o tempo de Dom Bosco e o nosso. Seria, porém, superficialidade histórica pensar que Ele seguisse apenas um hábito devocional. Qualquer palavra ou ensinamento dele (e são tantos!) manifesta o sentido do encontro vivificante com Deus que a Reconciliação comporta, a convicção da necessidade e riqueza da mediação da Igreja, a função do sacramento num caminho de santidade serena, alegre, em crescimento constante.

Temos hoje, sobre a incidência atribuída por Dom Bosco à Reconciliação sacramental na educação dos jovens, estudos documentados que colocam o sacramento organicamente no programa global de crescimento humano e cristão<sup>46</sup>. Foi freqüentemente sublinhada a catequese constante de Dom Bosco sobre a Reconciliação-confissão, desenvolvida com palavras, mas também de forma prática, predispondo as oportunidades e condições para que os jovens fossem despertados para o desejo de aproximar-se dela uma primeira vez e, em seguida, assumi-la como prática constante.

Escreve o P. Lemoyne: “Cada frase de Dom Bosco foi um estímulo à confissão”<sup>47</sup>. Percebe-se imediatamente o caráter hiperbólico da expressão. Assim como resulta evidente a todos a freqüência, a insistência e a variedade com que Dom Bosco expõe este ponto nas pregações e boas-noites, nos textos biográficos e narrações, nos livros de “orações”<sup>48</sup> e na narração dos sonhos.

Em cada uma das três biografias exemplares (Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco) há um capítulo sobre a confissão. Na de Domingos Sávio, que é a primeira em ordem

<sup>46</sup> cf. BRAIDO P., *Il Sistema preventivo di Don Bosco*, PAS Verlag 1964, parte III, cap. III, pp. 274-285; SCHEPENS J., *Pénitence et Eucharistie dans la méthode educative et pastorale de Don Bosco*, Roma 1986

<sup>47</sup> Il testo è riportato da CERIA E., *Don Bosco con Dio*, p. 164

<sup>48</sup> cf. *Il Giovane Provveduto*

de tempo (1859), estão unidos os dois sacramentos: a penitência e a eucaristia<sup>49</sup>. Na de Miguel Magone, porém, são dois capítulos, o quarto e o quinto, um narrativo e o outro didático, voltados diretamente aos jovens e educadores, dedicados só à confissão.

Sob a forma biográfica, Dom Bosco propõe uma pedagogia para ajudar o jovem a superar as próprias tendências deterioradas, crescer em humanidade e orientar-se para Deus mediante a penitência.

Um estudioso, o P. Alberto Caviglia, crê que o capítulo quinto da biografia de Miguel Magone seja um dos escritos mais importantes e preciosos da literatura e da pedagogia de Dom Bosco, um documento insigne da sua orientação espiritual<sup>50</sup>.

Mais original do que a insistência da sua catequese sobre a penitência-reconciliação-confissão é a valorização da incidência educativa da penitência, que não substitui mas se enraíza na sua natureza “sacramental”, de sinal eficaz da graça, oferecida através do ministério da Igreja e acolhida na fé. É congenial com a idéia do crescimento do menino como filho de Deus, crescimento “humano” no melhor sentido da palavra, necessitado de um intercâmbio contínuo com o mistério que ressoa na consciência.

A penitência desperta a consciência de si e do próprio estado, introduz num ambiente de santidade e de graça, move energias interiores de construção da pessoa. As três célebres biografias parecem dizer que a penitência faz crescer a partir de dentro aquilo que se vê na vida: o honesto cidadão e o bom cristão.

A visão “educativa” determinava justamente uma práxis pastoral *sui generis*: a penitência não era reduzida ou isolada no momento ritual; tinha como sua antecâmara o ambiente que predispunha e a relação de amizade e confiança com os educadores, particularmente com o principal deles, o Diretor.

<sup>49</sup> cf. BOSCO G., *Vita del giovinetto Savio Domenico*, cap. XIV

<sup>50</sup> cf. CAVIGLIA A., Magone Michele, p. 461

Havia uma continuidade entre reconciliação na vida e momento sacramental. O jovem, no oratório, sentia-se acolhido e estimado, num clima de família e confiança, estimulado à comunicação e incentivado a progredir, com relações que o convidavam e provocavam a examinar-se. É esta a história exemplificada na biografia de Miguel Magone. Não poucas vezes os jovens passavam da conversação amigável com Dom Bosco no pátio ao ato penitencial.

A reconciliação, especialmente a extraordinária, era envolvida num clima festivo, segundo o estilo evangélico: a celebração eucarística, a manifestação musical e artística acompanhavam e envolviam o perdão obtido. Os jovens podiam contar com todas as condições favoráveis: tempo, lugar, pessoas, convites.

Hoje, talvez, mais do que repetir literalmente a afirmação que a penitência e a eucaristia são os pilares da educação, é urgente meditar e recuperar a sua tradução pedagógica original.

A experiência educativa levou justamente Dom Bosco a ser um confessor extraordinário de jovens: extraordinário pela quantidade de penitentes, pelo tempo dedicado e pela prática que adquiriu e expressou em observações cheias de sentido pastoral; extraordinário pelo prazer que sentia em reconciliar os jovens com Deus e com a vida; extraordinário também pelo efeito que a sua ação delicadamente sacerdotal provocava em tantos jovens que quiseram deixar a própria recordação.

Há uma fotografia de Dom Bosco que fez o giro do mundo. Nela, Dom Bosco posa enquanto confessa os jovens. O garoto Paulo Albera apóia a sua cabeça na de Dom Bosco, como para fazer a confissão dos pecados, enquanto alguns clérigos e muitos jovens esperam a sua vez ao redor do genuflexório<sup>51</sup>.

<sup>51</sup> cf. SOLDÀ G., *Don Bosco nella fotografia dell'800*, pp. 84-89

A fotografia não é casual. É uma das primeiras (1861), querida por Dom Bosco com a intenção de manifestar o seu pensamento, “quase um testamento moral para a sua Família. Agradava-lhe, desejou ampliado o desenho que a reproduzia”<sup>52</sup>. É um *poster*, um manifesto, um anúncio “quase publicitário” antes do tempo. Para fazê-la foi preciso preparar a encenação porque, com o fotógrafo debaixo do pano, o tempo de exposição era muito longo. Chamaram-se e dispuseram-se os garotos, e recorda-se a frase que Dom Bosco disse ao pequeno Albera escolhido como penitente.

A imagem com que desejava ser reconhecido era aquela entre os jovens e confessando.

Praticava assim o que tinha dito e escrito: “Está provado pela experiência que os mais válidos apoios da juventude são os sacramentos da confissão e da comunhão. Dai-me um jovenzinho que frequente estes sacramentos, e vós o vereis crescer na idade juvenil, chegar à viril, e atingir, se assim agradar a Deus, à mais tarda velhice com uma conduta que é exemplo de todos que o conhecem. Compreendam-na, esta máxima, os jovenzinhos para praticá-la; compreendam-na também os que se ocupam da sua educação para insinuá-la”<sup>53</sup>.

A fotografia transmite, ainda, um particular interessante: parece ser num espaço aberto com os meninos como em cacho. A concepção educativa e filial da penitência libertava Dom Bosco de qualquer rigidez quanto ao lugar e à seqüência do rito. Confessava no pátio, confessava no parlatório; confessou em carruagens e em trens. Sublinham-se hoje os sinais comunitários e rituais do sacramento para uma celebração que chegue ao sentimento, à imaginação, à consciência; não pode escapar essa sua capacidade de atingir a substância do ato com o esforço de iniciar nele, colocando-o num contexto juvenil e educativo.

<sup>52</sup> cf. *ib.*

<sup>53</sup> BOSCO G., *Vita del giovinetto Savio Domenico*, cap. XIV

Justamente nesse contexto multiplicaram-se os Salesianos confessores de jovens que tiveram tanto influxo nos resultados vocacionais masculinos e femininos.

## **Reconciliados e ministros da Reconciliação**

Apresentei acima, intencionalmente unidas, a experiência pessoal de reconciliação de Dom Bosco e a sua práxis educativa pastoral. Como seria possível imaginar o que significa para o menino a repacificação interior, se o próprio Dom Bosco jamais advertisse a sua necessidade? E como teria podido reproduzir a acolhida paterna de Deus, se não a tivesse sentido e saboreado? E como teria podido conceber tanta confiança no sacramento para a caminhada de crescimento e santidade se não tivesse sido seu testemunho direto? Onde teria buscado compreensão, capacidade de espera, estímulo e promoção, de comunhão para sua Família e seus colaboradores?

O próprio Apóstolo parece unir os dois aspectos ao repetir: “Deus reconciliou-nos consigo por meio de Cristo e confiou a nós o ministério da reconciliação”<sup>54</sup>.

Graça pessoal e ministério! A Reconciliação, mais do que “uma prática de piedade” ocasional ou um serviço sacerdotal, é um novo espaço em que se coloca a totalidade da vida, aquilo que Jesus propunha quando dizia “Convertei-vos”. Tem no sacramento o seu ponto eficaz e expressivo porque, como o batismo, ele insere-nos na morte e Ressurreição de Cristo e disso toda a Igreja participa.

O que é verdade também para nós. Pela graça de unidade, a experiência pessoal de Reconciliação e a práxis pedagógica e pastoral reforçam-se reciprocamente. Reconciliados tornamo-nos artífices e mediadores de reconciliação.

<sup>54</sup> 2Cor 5,18

O nosso projeto de espiritualidade, que são as Constituições, quando tratam da nossa missão afirmam, por isso, que “junto com eles celebramos o encontro com Cristo na escuta da palavra, na oração e nos sacramentos”<sup>55</sup>. “Com” refere-se certamente às circunstâncias materiais de tempo e de lugar, mas muito mais às da organização da vida vivida à luz do Evangelho e da nossa consagração.

Nesse sentido, a vida toda é vista como um caminho de “contínua conversão”<sup>56</sup> que reúne muitos aspectos, tais como a re-entrega cotidiana sempre mais generosa à nossa missão, a vigilância, o perdão recíproco, a “aceitação da cruz de cada dia”<sup>57</sup>, a oração e os momentos de revisão<sup>58</sup>, e tem no sacramento o seu ponto de força e realização: “recebido com frequência, segundo as orientações da Igreja, ele nos dá a alegria do perdão do Pai, reconstrói a comunhão fraterna e purifica as intenções apostólicas”<sup>59</sup>.

Joram, desta nossa experiência madura e contínua, desejos e energias para criar ambientes educativos reconciliadores e para guiar os jovens ao encontro do ponto de unidade e consistência de que sua vida sente necessidade. Dela brota também a capacidade de individualizar e assumir caminhos de reconciliação na múltipla conflitualidade do nosso contexto e do nosso mundo.

Quanto ao sacramento da penitência em campo juvenil e na comunidade cristã, assistimos hoje a um tríplice fenômeno: o primeiro é o abandono do sacramento por parte de muitos, o segundo é o uso rápido por parte de um certo número, o terceiro, positivo, é o pedido até de direção espiritual por parte de um

<sup>55</sup> C 36

<sup>56</sup> C 90

<sup>57</sup> cf. ib.

<sup>58</sup> cf. C 91

<sup>59</sup> C 90

grupo, pequeno em número, mas em busca de qualidade espiritual.

A resposta a esta disposição diversificada consiste em percorrer com a maioria o caminho educativo que vai da acolhida ao anúncio da bondade paterna de Deus e do seu desejo de termos como filhos; em assistir o segundo grupo, com propostas educativas proporcionadas e capazes de apoiar o seu esforço ainda imperfeito; enfim, em ser ministros da reconciliação, disponíveis e capazes, para aqueles que empreenderam conscientemente um caminho de vida espiritual.

Sempre e em todos os casos será nosso compromisso colocar os jovens em contato com um circuito de graça – feito de motivações, celebrações, experiências – que tem como horizonte o Mistério Eucarístico. Ele é memória eficaz e fonte viva da Reconciliação perene, atuada pela Cruz. Leva à Reconciliação e, ao mesmo tempo, é o seu remate supremo e expressão máxima porque, unindo-nos a Cristo, insere-nos na comunhão trinitária de Deus e na unidade eclesial dos irmãos.

### **Conclusão: atravessar os umbrais<sup>60</sup>**

Na noite entre 24 e 25 de dezembro do próximo Natal seremos convidados a atravessar a porta santa: o Papa “atravessando seus umbrais mostrará à Igreja e ao mundo o Santo Evangelho, fonte de vida e de esperança para o terceiro milênio”<sup>61</sup>. É o sinal da entrada de Cristo na humanidade. É, para nós, o convite para entrar num espaço novo e recolocar a nossa vida num âmbito mais claramente iluminado pelo amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, marcado pela fraternidade incondicional e enriquecedora entre as pessoas, caracterizado

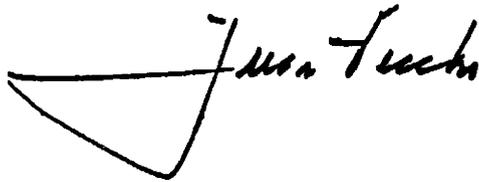
<sup>60</sup> cf. *Incarnationis Mysterium* 8

<sup>61</sup> *Ib.*

pela abertura da mente e do coração às aspirações e expectativas da humanidade tornadas possíveis pela presença de Cristo no tempo, por uma maior sensibilidade para ouvir as vozes dos jovens e uma coragem maior para ir ao encontro de suas necessidades.

“Passar por aquela porta significa confessar que Jesus Cristo é o Senhor, revigorando a fé nele para viver a vida nova que Ele nos doou. É uma decisão que supõe a liberdade de escolher e, ao mesmo tempo, a coragem de deixar alguma coisa...”<sup>62</sup>.

Com a esperança de nos encontrarmos todos juntos, unidos espiritualmente, na passagem da “porta” que nos introduz na plenitude do tempo que é Cristo, saúdo-vos cordialmente e vos dou a bênção de Maria Auxiliadora.

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Vecchi". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J' that extends downwards and to the left.

*P. Juan Edmundo Vecchi*  
Reitor-Mor

<sup>62</sup> Ib.

## 2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

---

### 2.1. ORIENTAÇÕES PARA A CELEBRAÇÃO SALESIANA DO JUBILEU

**P. Giuseppe NICOLUSSI**

*Conselheiro Geral para a Formação*

Apresenta-se a comunicação que o Conselho Geral para a Formação transmitiu, em nome do Reitor-Mor, aos senhores Inspectores no final de julho (prot. 99/1261). A comunicação dava algumas indicações orientativas para a celebração salesiana do Jubileu, particularmente para o “momento celebrativo comunitário” que o mesmo Reitor-Mor apresentou no N° 367 dos Atos do Conselho Geral (cf. ACG N° 367, p. 39). Estas indicações, que recolhem também o que surgiu da reflexão do Conselho Geral, sugerem concretamente um itinerário em vista da celebração comunitária, com algumas etapas que sublinham momentos significativos do ano jubilar e que quereriam ajudar a comunidade a viver aquele caminho de reconciliação que é próprio do Jubileu e que representa o tema da Estréia 2000 e da carta do Reitor-Mor publicada neste número dos Atos.

O Reitor-Mor referia-se há alguns meses, numa comunicação apresentada nos Atos do Conselho Geral, à “celebração salesiana do Jubileu” indicando um critério de fundo e anunciando a realização de alguns atos salesianos em nível mundial (ACG 367, 39-41).

Com a presente comunicação, intende-se ilustrar de modo sintético a proposta do **momento celebrativo comunitário**, referido pelo Reitor-Mor, e do **caminho de reconciliação**, que o precede, para que seja levado em consideração na programação de cada inspetoria e comunidade.

## **1. Celebração do ano jubilar: momentos salesianos**

O convite feito pelo Reitor-Mor a cada comunidade salesiana, com os jovens, pais e colaboradores, é primeiramente a **participar do que for organizado pelas Igrejas Locais** para celebrar o ano jubilar cristão, que introduz num novo período de graça e de trabalho.

Os **momentos salesianos** previstos não constituem uma celebração paralela; querem ser uma acentuação simples, mas significativa, num caminho rico de estímulos, encontros, datas e celebrações em nível universal e local.

Em nível salesiano mundial, estão programados **quatro atos**:

- o encontro mundial do Movimento Juvenil Salesiano ou Fórum 2000 (Colle Don Bosco, 6-13 de agosto de 2000);
- o encontro dos Conselhos Gerais dos vários Grupos da Família Salesiana (Roma, 1-5 de junho de 2000);
- a expedição missionária extraordinária (Turim, 11 de novembro de 2000);
- o momento celebrativo em comum das comunidades SDB, precedido de um caminho de reconciliação.

## 2. O momento celebrativo comunitário e o caminho de preparação

*A proposta foi anunciada pelo Reitor-Mor nestes termos: “Deliberamos fazer com todos os Salesianos, Inspetorias e Casas uma celebração análoga à entrega (1984) e à renovação da profissão (1988). Pode ser um caminho de conversão unido ao momento celebrativo convenientemente preparado. Oportunamente será oferecido uma guia ou material para a celebração. Excluimos pedir atos particulares que sobrecarreguem as inspetorias com novos compromissos... O ato comunitário, contudo, ajudar-nos-á a viver juntos a extraordinária circunstância de passagem do milênio” (ACG 367, 40-41).*

*A proposta, que apresento agora, depois de ser compartilhada com o Conselho Geral, concentra-se no ato celebrativo comunitário, local e/ou inspetorial, e sugere, ao mesmo tempo, um itinerário de momentos que podem caracterizar o caminho que leva a ele.*

*O ato comunitário ajudará os salesianos a viverem juntos a circunstância extraordinária da passagem do milênio. O itinerário leva a assumir o tempo jubilar em perspectiva salesiana, sublinhando alguns aspectos fundamentais da nossa experiência espiritual, com os quais viver a graça da reconciliação e entrar juntos no novo milênio.*

*Trata-se de uma proposta coerente com a caminhada do ano jubilar, que integra e valoriza algumas intervenções e momentos já previstos, como o encontro juvenil e a expedição missionária, a Estréia e as cartas do Reitor-Mor; que pode ser facilmente organizada com o calendário inspetorial e atuada com flexibilidade; reservada aos SDB ou aberta aos membros da*

Família Salesiana e da Comunidade Educativa Pastoral. Sugere-se algumas datas, sem amarrar-se a elas, levando em conta a diversidade de calendários e situações, e sabendo que algumas inspetorias já fixaram a programação para o ano 2000.

**O itinerário** pode ter *início em 31 de janeiro* com a acolhida da Estréia 2000 e do convite nela contido: “Em nome de Cristo, nossa paz, deixai-vos reconciliar”.

Seguem algumas *etapas*, em coincidência com momentos significativos do ano jubilar:

- ☐ a **primeira etapa** coincide com o tempo quaresmal, tempo forte de reconciliação e conversão; a carta do Reitor-Mor sobre a Reconciliação poderá oferecer pontos concretos (ACG 369);
- ☐ a **segunda etapa** é marcada pela conclusão do Congresso Eucarístico Internacional (domingo, 25 de junho) e pela festa do Sagrado Coração de Jesus (sexta-feira, 30 de junho); a Eucaristia e o Coração de Jesus, modelo e fonte do espírito salesiano, são convite e graça a reconciliar-nos com a interioridade apostólica e o ardor do “da mihi animas”; podemos ajudar, a carta do Reitor-Mor sobre a Eucaristia;
- ☐ a **terceira etapa** tem como ponto de referência a celebração da XV Jornada Mundial da Juventude (15-20 de agosto) e a preparação e celebração do encontro mundial do Movimento Juvenil Salesiano ou Fórum 2000 (6-13 de agosto); deixemo-nos reconciliar com a missão juvenil e com o nosso empenho de animadores espirituais do Movimento Juvenil Salesiano.
- ☐ a **quarta etapa** tem como pontos de referência a Jornada Missionária Mundial (22 de outubro) e a expedição missionária extraordinária por ocasião do Jubileu (11 de novembro de 2000), 125 anos depois do primeiro envio;

deixemo-nos reconciliar com o ardor missionário e a audácia apostólica, nos diversos contextos culturais e diante dos muitos desafios colocados pelo início do novo milênio à evangelização dos jovens.

Mais adiante será oferecido um **guia ou material para a celebração** do ato comunitário e será enviado um subsídio ágil e indicativo para os diversos momentos do caminho de reconciliação.

**Outros subsídios** mais amplos e consistentes estarão à nossa disposição no momento oportuno, podendo ser utilizados e valorizados com criatividade e flexibilidade segundo as circunstâncias. Particularmente:

- no momento inicial de janeiro, festa de Dom Bosco, poderemos servir-nos da apresentação da Estréia 2000;
- nos dois primeiros tempos do itinerário de reconciliação, teremos à disposição as cartas do Reitor-Mor sobre a “Reconciliação” e sobre a “Eucaristia”;
- nos outros dois tempos, serão úteis os subsídios previstos para a preparação do Fórum Juvenil 2000 e para a expedição missionária extraordinária.

Como *ícone* poderão ser usadas, integrando-as, as imagens da Porta e a do Bom Pastor.

### **3. Celebração salesiana do Jubileu: apresentação sintética da proposta do caminho de reconciliação e do momento celebrativo comunitário**

#### **3.1 Celebramos:**

- JESUS CRISTO: Encarnação – Redenção – Reconciliação.
- Passagem de milênio: tempo novo, novo empenho, nova evangelização.
- Jubileu: reconciliação – caminho de conversão e renovação.

#### **3.2 Estímulos e subsídios:**

- Cartas do Reitor-Mor: > Reconciliação e > Eucaristia
- Estréia 2000: “Em nome de Cristo, nossa paz, deixai-vos reconciliar”
- Subsídios: > Fórum 2000 e > Expedição missionária

### **3.3 Caminho de reconciliação e momento celebrativo SDB: a proposta em síntese.**

**INÍCIO** Janeiro, festa de Dom Bosco

Assume-se a Estréia 2000 e inicia-se o itinerário de reconciliação

#### ***CAMINHO DE RECONCILIAÇÃO***

**1º Tempo:** Caminho quaresmal em vista da Páscoa (23 de abril)

**Tema:** Reconciliação – Penitência... “Deixai-vos reconciliar...” (Carta do Reitor-Mor sobre a Reconciliação)

**2º Tempo:** 25 de junho – Congresso Eucarístico e 30 de junho – Sagrado Coração

**Tema:** O coração de Cristo – a Eucaristia, modelo e fonte do espírito salesiano; reconciliar-se com a fonte;

interioridade apostólica... Eucaristia: a comunidade reaviva a sua relação com Deus e com o “da mihi animas” (Carta do Reitor-Mor sobre a Eucaristia)

**3º Tempo:** Agosto – Jornada Mundial da Juventude e encontro mundial do Movimento Juvenil Salesiano

**Tema:** Reconciliação com a missão juvenil, o Sistema Preventivo..., “juntos”.

**4º Tempo:** Jornada missionária mundial (22.10); Expedição missionária extraordinária (11.11)

**Tema:** Reconciliar-se com o ardor da nova evangelização, com a audácia apostólica em vista do terceiro milênio...

### ***MOMENTO CELEBRATIVO***

**Tempo:** Dezembro (preferivelmente no dia da Imaculada)

**Tema:** Reconciliados, entramos com Cristo e com Dom Bosco no novo milênio... graça e empenho...

Com uma cordial saudação em nome do Reitor-Mor e dos membros do Conselho, e os augúrios para este tempo de graça,

P. Giuseppe Nicolussi  
*Conselheiro para a Formação*

### 4.1 Crônica do Reitor-Mor

O maior compromisso do Reitor-Mor, nos meses de junho e julho, foi presidir e animar a sessão plenária do Conselho Geral. Não faltaram, contudo, outros particulares compromissos, visitas, encontros.

**Sábado, 12 de junho**, o Reitor-Mor parte para Varsóvia, Polônia, a fim de participar da **beatificação do irmão P. José Kowalski e de cinco jovens oratorianos** martirizados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Chegando a Varsóvia, acompanhado pelo Inspetor P. Józef Strus e pelo Conselheiro Regional P. Albert Van Hecke, vai à Casa Geral da Congregação de São Miguel Arcanjo (os religiosos “Micaelitas”, conforme a denominação polonesa) onde encontra o Superior Geral P. Kazimierz Tomaszewski e outros irmãos da Congregação C.S.M.A., sendo convidado para o almoço. Presentes os membros do Conselho Geral e outros sacerdotes vindos de várias partes da Polônia e da América para a beatificação de um de seus irmãos.

No discurso de boas vindas, o Superior da C.S.M.A. exprime a

consciência da sua Congregação de ser portadora da espiritualidade salesiana, e manifesta o desejo de pertencer à Família Salesiana, definindo “histórico” o encontro que está acontecendo.

À tarde, P. Vecchi tem um encontro com o Conselho Geral dessa Congregação. O Superior apresenta o pedido oficial, votado pelo Conselho Geral, para que a Congregação de São Miguel Arcanjo seja colocada entre os grupos da Família Salesiana. P. Tomaszewski também entrega ao P. Vecchi o texto de suas Constituições e Regulamentos e a biografia do fundador.

Terminada a visita aos “Micaelitas”, o Reitor-Mor vai à casa de noviciado de Czerwinsk. Expõe aos irmãos e noviços presentes as atuais atividades de trabalho do Conselho Geral e dá notícias sobre as Visitas de Conjunto recentemente realizadas em algumas Inspetorias. Ao final, o Reitor-Mor preside solenemente a Eucaristia no Santuário Mariano do Noviciado. À noite, os noviços dos vários grupos apresentam uma breve exibição teatral e musical, exprimindo as características próprias de cada casa de noviciado. No boa-noite, que conclui o agradável encontro frater-

no, o Reitor-Mor descreve o modo com que o Sistema Preventivo vem sendo assimilado por parte dos pais, dos educadores e dos próprios jovens da África.

**Domingo, 13 de junho**, foi a jornada da solene beatificação de 108 poloneses, mártires da Fé, entre os quais o salesiano P. José Kowalski e cinco Jovens Oratorianos de Poznan. A celebração foi realizada na Praça Pilsudski, com a participação de cerca de um milhão de fiéis, entre os quais muitos jovens que tinham feito a vigília durante a noite. O Santo Padre chega pelas 10 horas, e a celebração tem início às 10:30. O Reitor-Mor e o Vice Postulador da Causa dos cinco jovens oratorianos, o salesiano P. Wladyslaw Nowak concelebram com os Cardeais, Bispos e outros Postuladores ou Vice-Postuladores. Os demais salesianos presentes participam da cerimônia no setor preparado para eles.

À tarde, o Reitor-Mor participa do encontro dos jovens que vieram de diversas casas salesianas à beatificação dos Mártires. No encontro, feito na Basílica salesiana do Sagrado Coração, os jovens de vários centros comemoram a vida e o martírio dos Beatos. À assembléia juvenil, que lota toda a grande basílica, o Reitor-Mor dirige palavras de regozijo, de gratidão e de programa de vida para os jovens.

Segunda-feira, 14 de junho, o Reitor-Mor retorna a Roma e vai a

Trevi no Lácio para participar dos Exercícios Espirituais juntamente com o Conselho Geral.

Concluída a sessão plenária do Conselho e depois de alguns dias de repouso, P. Vecchi vai ao Colle Don Bosco, no dia **6 de agosto**, para a conclusão do Confronto Juvenil '99, dando o boa-noite aos jovens. Preside, no dia seguinte, na Basílica de Maria Auxiliadora, à solene celebração de encerramento do Encontro.

P. Vecchi, **de 22 a 30 de agosto**, está na Espanha, Santiago de Compostela, para a *Visita de Conjunto* das Inspetorias da Bélgica Sul, França, Portugal e Espanha (Região Europa Oeste).

Domingo, **22 de agosto**, o Reitor-Mor vai a **León**, Casa Inspeccional, de onde é acompanhado ao Centro Dom Bosco para encontrar a Família Salesiana. Depois de sublinhar a fecundidade da Família Salesiana, grande sonho de Dom Bosco, e a importância de trabalhar em sinergia, deixa como mensagem o empenho de crescer como grupos e como indivíduos, a formar-se cristã e salesianamente, a comunicar-se em nível de ação e de espiritualidade e a colaborar para o bem dos jovens no campo da educação.

Segunda-feira, **23 de agosto**, o Reitor-Mor encontra os irmãos, pela manhã, oferecendo algumas notícias sobre a Congregação como eslaides virtuais: a *aplicação do CG24* sobre a relação entre salesianos e leigos, a

significatividade da presença salesiana, a comunidade núcleo animador, a opção preferencial pelos jovens pobres; a significatividade da nossa presença nas *fronteiras missionárias*; o panorama da *santidade salesiana*.

Vai, depois, a Santiago de Compostela para a **Visita de Conjunto**. Dois momentos particularmente significativos das jornadas transcorridas em Santiago foram vividos na quinta-feira, 26 de agosto. Pela manhã o Reitor-Mor e os salesianos presentes participam da *Missa do peregrino*, presidida pelo Arcebispo de Santiago de Compostela Dom Julián Barrio. O P. Vecchi lê nessa ocasião a Invocação da Região Salesiana Europa Oeste ao Apóstolo São Tiago em seu ano jubilar 1999.

À tarde ocupa-se na visita a alguns lugares da costa atlântica: *Castro de Baroña, Miradoiro da Curota*, chegando depois à casa salesiana de *Cambados*, onde é servido o jantar num clima de família, fraternidade e alegria.

A visita de Conjunto termina no dia 18 de agosto com uma simpática noitada em família. Durante as jornadas da Visita, o Reitor-Mor participou dos trabalhos, introduzindo-os e concluindo-os, e deu os boas-noites sobre os temas: as celebrações da Família Salesiana por ocasião do Jubileu, a atividade salesiana nas Missões, particularmente na Ásia e na China, a pastoral vocacional.

O domingo, **29 de agosto**, é dedicado pelo P. Vecchi ao encontro com os irmãos e a Família Salesiana de Santiago, retomando os temas já expressos em León.

À noite retorna a Madri onde visita a Procuradoria Missionária, retornando a Roma na manhã do dia 30.

Segunda-feira, **30 de agosto**, à tarde, o Reitor-Mor vai a Catânia, Sicília. Na mesma noite, em Zafferana Etnea, encontra um grupo de Ex-alunos reunidos com suas famílias para três dias de Exercícios Espirituais.

No dia seguinte, **31 de agosto**, vai à casa de férias "Lido Don Bosco" em La Plaia di Catania onde dá-se o retiro-confronto juvenil por ocasião dos 25 anos da fundação do Movimento Juvenil Salesiano na Sicília.

Após um encontro com os jovens, o Reitor-Mor preside a celebração eucarística, com a presença dos jovens e de uma centena de irmãos.

Durante a concelebração dá-se a passagem de cargo e a profissão de fé do novo Inspetor P. Calogero La Piana, a renovação da profissão de três irmãos e a promessa de duas jovens cooperadoras. O Reitor-Mor refere-se na homilia aos três "sim" que foram pronunciados.

À tarde, P. Vecchi visita os ambientes da colônia de férias e à noite retorna a Roma.

## 4.2 Crônica dos Conselheiros

A sessão plenária de verão do Conselho Geral – sétima desde o início do sexênio – teve início em 1º de junho de 1999 e concluiu-se em 23 de julho, com um total de 27 reuniões, acompanhadas de outros encontros de grupos e setores.

Como sempre, o Conselho dedicou parte do tempo para despachar as numerosas práticas vindas das Inspetorias: nomeações dos membros de Conselhos Inspetoriais e aprovações das nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (contam-se no período a abertura de 10 novas presenças, 14 ereções canônicas de casas, 8 encerramentos canônicos), práticas a respeito de irmãos e outras econômicas e administrativas.

A maior parte do tempo foi empregada no que se referia ao governo e animação das Inspetorias e no estudo de temas ou problemas de caráter geral, relativos à vida e missão do conjunto da Congregação, sobretudo quanto à programação do sexênio. Dá-se em seguida um elenco dos principais argumentos.

### 1. Nomeações de Inspetores

Foram numerosas, também nesta sessão, as nomeações de Inspetores estudadas pelo Conselho, que deu o próprio consenso, seguindo o procedimento usual para esta impor-

tante tarefa: análise cuidadosa da consulta inspetorial, discernimento em sede de Conselho, votação sondagem sobre os principais candidatos, votação definitiva com o consenso sobre o candidato designado. É este o elenco (em ordem alfabética) dos Inspetores nomeados: Chalissery George, inspetor da África Leste, com sede em Nairóbi; Cereda Francesco, superior da Visitadoria UPS; Fernando Bellarmine, inspetor de Madras, Índia; Fierens Antonio María, inspetor de La Plata, Argentina; Gallone Francesco, inspetor da Inspetoria Meridional, com sede em Nápoles; Lilliu Giovanni, superior da Visitadoria da Sardenha; Miele Giuseppe, superior da Visitadoria de Madagascar; Murdoch Ian Bernard, inspetor da Austrália; Repovz José Mario, inspetor de Buenos Aires, Argentina; Scaglioni Arnaldo, novamente confirmado inspetor da Inspetoria Adriática, com sede em Ancona; Socha Kazimierz, superior da Visitadoria de Lusaka (ZMB); Testa Luigi, novamente confirmado superior da Circunscrição Especial do Piemonte e Vale d'Aosta; Theophilus James, inspetor de Tiruchy, Tamil Nadu Sul, Índia (ver alguns dados biográficos no n. 5.6).

### 2. Relatórios de visitas extraordinárias

Outro trabalho importante do Conselho foi, como sempre, o exame das relações das Visitas Extraor-

dinárias feitas pelos Conselheiros, em nome do Reitor-Mor, no período janeiro-maio de 1999. Apresentada pelos respectivos Visitadores, a relação da Visita Extraordinária é, para o Conselho, uma ocasião privilegiada de conhecimento e estudo aprofundado da realidade salesiana da Inspeção, da vida e da missão das comunidades, com uma reflexão sobre a significatividade do projeto inspetorial e as perspectivas de futuro.

Foram estas às inspeções ou circunscrições (em ordem alfabética) das quais foi examinado o relatório: Argentina-Buenos Aires, China-Hong Kong, Espanha-Barcelona, Espanha-León, Itália-Sicília, Polónia-Varsóvia, Vietnã, Visitadoria Ups-Roma. Examinou-se também o relatório da Visita às Delegações de Angola e da África Ocidental de língua inglesa.

### 3. *Aprovação de Capítulos Inspeccionais*

Durante a sessão deu-se continuidade ao exame, com a sucessiva aprovação, de acordo com as Constituições, dos documentos – deliberações e eventuais modificações do Diretório – dos *Capítulos Inspeccionais 1998*, transmitidos pelas Inspeções, a maior parte dos quais já tinha sido aprovado nas duas sessões plenárias de 1998 (cf. ACG n. 367). O número de Capítulos examinados e aprovados nesta sessão foi de 24.

### 4. *Relatórios informativos de cada Conselheiro*

Como nas demais sessões plenárias, cada Conselheiro de setor (formação, pastoral juvenil, família salesiana e comunicação social, missões, economia), como também o Reitor-Mor e o seu Vigário, fizeram uma breve apresentação das principais atividades desenvolvidas – pessoalmente e em nível de Dicastério – a serviço da animação das Inspeções e da Congregação em nível mundial.

A apresentação desses “relatórios informativos” foi seguida de um tempo de confronto em Conselho, com a finalidade de sublinhar os caminhos de convergência, os pontos que exigem maior atenção ou temas para os quais se vê como necessário ou oportuno um exame ulterior e mais aprofundado por parte de todo o Conselho.

### 5. *Temas de estudo e decisões operativas*

No decurso da sessão, junto com as soluções relativas às Inspeções e Regiões, o Conselho enfrentou alguns temas mais gerais em relação ao governo e à animação da Congregação, com atenção particular à programação do sexênio e à mesma vida e ação do Conselho.

Não faltaram algumas decisões operativas, ligadas a alguns dos pontos examinados. Apresentam-se em seguida os principais argumentos de reflexão.

### 5.1 Algumas decisões operativas

No âmbito das circunscrições em que é localmente articulada a missão da Congregação, o Reitor-Mor com o seu Conselho – levando em conta também o que brotou das visitas extraordinárias – deliberou a modificação de algumas configurações jurídicas, reconhecendo que existem as condições indicadas pelas Constituições. Em particular:

- a Visitadoria do Vietnã foi erigida em Inspetoria (na sessão plenária anterior fora erigida em Inspetoria a Visitadoria da Coreia);
- as Circunscrições com Estatuto Especial de Madagáscar e Zâmbia-Malauí- Zimbábue são erigidas em Visitadorias;

Foi dado também o consenso para a futura ereção de uma Visitadoria na atual Delegação Inspetorial de Angola.

O Conselho aprovou ainda a constituição de uma *Delegação Inspetorial* para a região *Konkan*, dependente da Inspetoria de Bombaim, Índia.

### 5.2 Carta do Reitor-Mor sobre a Reconciliação, em vista do Jubileu de 2000

O Conselho Geral, a convite do Reitor-Mor, fez uma reflexão sobre os conteúdos da Carta Circular que entende enviar aos irmãos em vista da abertura iminente do ano jubilar, e que tem como tema a *Reconciliação* (carta publicada neste número dos ACG). Partindo de um esboço, o Conselho ofereceu avaliações e contribuições sobre vários aspectos doutrinários e práticos, que o Reitor-Mor utilizou em sua elaboração sucessiva.

### 5.3 Celebração SDB do Jubileu do ano 2000

Retomando a proposta feita na sessão anterior sobre um momento significativo comunitário na celebração do Jubileu, proposta que fora anteriormente explicitada pelo Reitor-Mor na comunicação publicada em ACG n. 367 (cf. p. 39), o Conselho estudou um caminho concreto – que interessa às nossas comunidades – em vista do momento de celebração comunitária, que quer ser essencialmente um caminho de conversão. No n. 2 deste número dos ACG é apresentada a comunicação do Conselheiro para a Formação, na qual – de forma substancial – se descreve esse caminho.

5.4 *Promoção de imagem, relações públicas, escritório de imprensa. Plano de renovação e relançamento do Boletim Salesiano no mundo*

Retomando o que fora indicado na sessão plenária anterior (cf. ACG 367, pp. 60-61), segundo a apresentação do Conselheiro para a Comunicação Social, P. Antonio Martinelli, estudou-se a atuação em curso dos encaminhamentos feitos em relação à renovação do *Boletim Salesiano* e do escritório de imprensa. Examinaram-se, também, os passos dados para a realização de uma *Página Internet* da Direção Geral, mais completa e funcional do que a existente.

5.5 *Instituto Histórico Salesiano*

O Conselho Geral dedicou um tempo adequado à revisão da ação do Instituto Histórico Salesiano, partindo do balanço da atividade cultural do mesmo, que fora apresentada num texto do diretor. O Reitor-Mor, recolhendo também as reflexões do Conselho, sublinhou particularmente alguns pontos que pedem uma atenção especial: o significado do IHS, o cuidado dos arquivos e bibliotecas salesianas, a preparação de pessoal qualificado.

5.6 *Carta da Missão da Família Salesiana*

O Conselheiro para a Família Salesiana apresentou ao Conselho a primeira redação de um texto denominado *Carta da Missão da Família Salesiana*, elaborado a partir do confronto entre os representantes dos vários grupos da Família Salesiana. Nos moldes da *Carta de Comunhão*, o texto quer ser de referência carismática sobre a Missão entregue por Dom Bosco à sua Família.

5.7 *Rendiconto econômico e administrativo 1998*

De acordo com os Regulamentos Gerais, o Conselho examinou e aprovou o balanço consolidado de 1998, apresentado pelo Econômico Geral.

Momento particularmente significativo na vida do Conselho Geral foram os *Exercícios Espirituais*, feitos de 13 a 19 de junho em Trevi no Lácio, na casa das Irmãs Oblatas do Sagrado Coração, com a pregação de *Dom Luigi Bettazi*, sobre temas tirados do Apocalipse e das quatro Constituições do Concílio Vaticano II.

### 5.1 Estréia para o ano 2000

Apresenta-se o texto da *Estréia do Reitor-Mor para o ano 2000*, que se inspira no tema central do Jubileu, que é a Reconciliação, para a reconstrução da comunhão e da paz, dom que Cristo conquistou para nós com a sua Encarnação e a sua Páscoa e confiou como missão à sua Igreja.

O texto da Estréia é o seguinte:

EM NOME DE CRISTO,  
NOSSA PAZ,  
DEIXAI-VOS RECONCILIAR

### 5.2 Decreto de ereção canônica da Inspeção da Inspeção “Santos Mártires Coreanos” da Coréia

Apresenta-se o decreto com que o Reitor-Mor com o seu Conselho deliberou a passagem da Visitadoria da Coréia a Inspeção, decreto que já fora aprovado na sessão plenária do Conselho Geral de dezembro de 1998 –

janeiro de 1999. São também apresentados em seguida os decretos relativos às circunscrições do Vietnã, Madagáscar e Zâmbia-Malauí-Zimbábue-Namíbia, aprovados na última sessão plenária.

*Prot. Nº 316/88*

*DECRETO DE EREÇÃO  
CANÔNICA  
DA INSPEÇÃO SALESIANA  
“SANTOS MÁRTIRES  
COREANOS”  
DA CORÉIA*

O abaixo-assinado  
P. Juan E. VECCHI,  
Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento dos sócios e das obras salesianas na Coréia, erigida como Visitadoria Salesiana em 12 de dezembro de 1984;
- constatado que foram alcançadas as condições descritas no artigo 157 das Cons-

tituições para promover a vida e a missão salesiana, com a autonomia que compete a uma Inspeção segundo as Constituições;

- obtido o consenso do Conselho Geral, na reunião de 4 de dezembro de 1998, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições;

mediante o presente Decreto

*ERIGE CANONICAMENTE EM  
INSPETORIA*

a existente Visitadoria da **CORÉIA**, com todos os irmãos e casas, estendendo-se no território da Coréia.

Fica estabelecido quanto segue:

1. A nova Inspeção conserva o Título dos “SANTOS MÁRTIRES COREANOS” e mantém a sede em SEUL, Shin Weol 3 Dong, casa “Maria Auxiliadora”.
2. O atual Superior da Visitadoria, **P. Václav KLEMENT**, com o consenso do Conselho Geral, é nomeado *Inspetor*, e permanece

no cargo até o final do mandato sexenal recebido como Superior da Visitadoria.

3. O presente Decreto entrará em vigor em 31 de janeiro de 1999.

Roma, 8 de dezembro de 1998.

P. Juan E. VECHI  
Reitor-Mor

P. Francesco Maraccani  
Secretário Geral

**5.3 Decreto de ereção canônica da Visitadoria “Maria Auxiliadora” de Madagascar**

Prot. Nº 179/99

*DECRETO DE EREÇÃO  
CANÔNICA  
DA VISITADORIA  
SALESIANA  
“MARIA AUXILIADORA”  
DE MADAGÁSCAR*

O abaixo-assinado  
P. Juan E. VECCHI,  
Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento dos sócios e das obras salesianas em Madagáscar, constituído como “Circunscrição com Estatuto Especial” em 9 de julho de 1992 (decr. Nº 255/92;
- constatado que, embora não tendo ainda conseguido a total autonomia, foram alcançadas as condições descritas no artigo 158 das Constituições para promover a vida e a missão salesiana no território;
- obtido o consenso do Conselho Geral, na reunião de 8 de junho de 1999, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições;

mediante o presente Decreto

*ERIGE CANONICAMENTE  
COMO VISITADORIA  
SALESIANA*

**a existente Circunscrição com Estatuto Especial de MADAGÁSCAR, com todos os irmãos e casas compreendidas no territó-**

rio de Madagáscar pertencentes à atual Circunscrição.

Fica estabelecido quanto segue:

1. A nova Visitadoria conserva o Título “MARIA IMACULADA” e mantém a sede em IVATO Aéroport, casa “São João Bosco”.
2. São mantidas as relações com as Inspetorias que deram origem às presenças salesianas em Madagáscar, estabelecidas mediante uma especial Convenção.
3. O presente Decreto entrará em vigor no momento da tomada de posse do novo Superior.

Roma, 24 de junho de 1999.

P. Juan E. VECCHI  
Reitor-Mor

P. Francesco Maraccani  
Secretário Geral

**5.4 Decreto de ereção canônica da Visitadoria “Maria Auxiliadora” de Zâmbia - Malauí - Zimbábue-Namíbia**

Prot. N° 180/99

*DECRETO DE EREÇÃO  
CANÔNICA  
DA VISITADORIA  
SALESIANA  
“MARIA AUXILIADORA”  
DE ZÂMBIA-MALAUÍ-  
ZIMBÁBUE-NAMÍBIA*

O abaixo-assinado  
**P. Juan E. VECCHI,**  
Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento dos sócios e das obras salesianas nos países de Zâmbia, Malauí, Zimbábue, constituídos como “Circunscrição com Estatuto Especial” em 24 de julho de 1993 (decr. N° 197/93), aos quais se acrescentou ultimamente a obra salesiana na Namíbia;
- constatado que, embora não tendo ainda conseguido a total autonomia, foram alcançadas as condições descritas no arti-

go 158 das Constituições para promover a vida e a missão salesiana no território;

- obtido o consenso do Conselho Geral, na reunião de 22 de junho de 1999, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições;

mediante o presente Decreto

*ERIGE CANONICAMENTE  
COMO VISITADORIA  
SALESIANA*

**a existente Circunscrição com Estatuto Especial**, com todos os irmãos e casas compreendidas no território dos Estados de Zâmbia, Malauí, Zimbábue, Namíbia.

Fica estabelecido quanto segue:

1. A nova Visitadoria conserva o Título de “MARIA AUXILIADORA” e mantém a sede em LUSAKA, casa “São João Bosco”.
2. São mantidas as relações com as Inspetorias que deram origem às presenças salesianas nos países da Circunscrição, estabelecidas mediante uma especial Convenção.

3. O presente Decreto entrará em vigor no momento da tomada de posse do novo Superior.

Roma, 9 de junho de 1999.

P. Juan E. VECCHI  
Reitor-Mor

P. Francesco Maraccani  
Secretário Geral

**5.5 Decreto de ereção canônica da Inspetoria “São João Bosco” do Vietnã**

Prot. N° 229/99

*DECRETO DE EREÇÃO  
CANÔNICA  
DA INSPETORIA  
SALESIANA “SÃO JOÃO  
BOSCO” DO VIETNÃ*

O abaixo-assinado  
**P. Juan E. VECCHI**,  
Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento dos sócios e das obras salesianas no Vietnã, erigida

como Visitadoria Salesiana em 12 de dezembro de 1984 (decr. N° 303/84);

- constatado que foram alcançadas as condições descritas no artigo 157 das Constituições para promover a vida e a missão salesiana, com a autonomia que compete a uma Inspetoria segundo as Constituições;
- obtido o consenso do Conselho Geral, na reunião de 9 de julho de 1999, de acordo com os artigos 132 §1,1 e 156 das Constituições;

mediante o presente Decreto

*ERIGE CANONICAMENTE  
EM INSPETORIA*

a existente Visitadoria do VIETNÃ, com todos os irmãos e casas compreendidas no território do Vietnã.

Fica estabelecido quanto segue:

1. A nova Inspetoria conserva o Título de “SÃO JOÃO BOSCO” e mantém a sede em 39/94 XUANHIEP 2, Lihn Xuan, Thu Duc, Tp. Ho-Chi-Mihn, casa “Santos Mártires do Vietnã”.

2. O atual Superior da Visitadoria, **P. John Ty VAN NGUYEN**, com o consenso do Conselho Geral, é nomeado *Inspetor*, e permanece no cargo até o final do mandato sexenal recebido como Superior da Visitadoria.
3. O presente Decreto entra imediatamente em vigor

Roma, 24 de julho de 1999.

P. Juan E. VECCHI  
Reitor-Mor

P. Francesco Maraccani  
Secretário Geral

## 5.6 Novos Inspetores

Apresentam-se alguns dados sobre os Inspetores, nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária de verão, junho-julho de 1999.

### 1. *CHALISSERY George, inspetor da África Leste*

P. *George CHALISSERY* é o novo *Inspetor da Inspetoria "São João Bosco"* da **ÁFRICA LESTE**, com sede em Nairóbi

(Quênia). Sucede ao P. Stephen Chemmalakuzhy ao final do seu mandato.

Nascido em 23 de dezembro de 1952 em Edathuruthy (Kerala, Índia), o novo *Inspetor* é salesiano desde 24 de maio de 1970, quando emitiu a primeira profissão em Yercaud, onde fez o ano de noviciado. Fez também nessa cidade os estudos filosóficos e pedagógicos do pós-noviciado emitindo a profissão perpétua em 10 de junho de 1977. Foi enviado ao estudantado salesiano de Maynooth, Irlanda, para os estudos teológicos. Foi ordenado presbítero em Roma, em 3 de janeiro de 1981, e completou os estudos conseguindo a licença em Teologia.

Retornando à Índia, foi destinado ao estudantado "Kristu Jyoti College" de Bangalore, onde ficou até 1991, quando pediu para ir às missões da África Leste, que então dependiam das Inspetorias da Índia. Foi destinado ao centro teológico de Nairóbi (1991-1993) e em 1993 nomeado diretor de Iringa (Tanzânia). Depois de apenas um ano foi chamado novamente a Nairóbi como diretor do estudantado teológico Don Bosco-Utume, sendo inserido tam-

bém no Conselho Inspetorial. Em 1997 foi nomeado Vigário do Inspetor, mesmo continuando como diretor de Nairóbi-Utume.

## 2. *CEREDA Francesco, superior da Visitadoria UPS*

P. *Francesco CEREDA*, concluído o sexênio como Inspetor da Inspetoria Lombardo-Emiliana (1993-1999), foi nomeado *superior da Visitadoria "Maria Sede da Sabedoria" de ROMA-UPS*, sucedendo ao P. Ludwig SCHWARZ, que concluiu o mandato e foi nomeado diretor das Obras Missionárias na Áustria.

Francesco Cereda nasceu em Veduggio con Colzano, na província de Milão, em 6 de março de 1951. Depois de fazer os estudos nas casas de Vendrognio e Chiari, foi admitido ao noviciado de Missaglia, ao final do qual emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1968.

Depois do noviciado e da experiência do tirocínio, fez os estudos teológicos no Seminário de Brescia e foi ordenado presbítero em Chiari (BS) em 24 de maio de 1980.

Completo em seguida os estudos civís, obtendo a licenciatura em matemática junto à Universidade de Parma. Foi destinado ao pós-noviciado inter-inspetorial de Nave (BS), afiliado à UPS, onde desenvolveu com competência o papel de formador, até quando em 1987 foi chamado a dirigir a comunidade salesiana de Parma. Desde 1990 era também conselheiro inspetorial. Em 1993, ao final do sexênio como diretor, foi-lhe confiada pelo Reitor-Mor com seu Conselho a animação e a guia da Inspetoria "São Carlos" de Milão.

## 3. *FERNANDO Bellarmine, inspetor de Madras (Índia)*

P. *Bellarmino FERNANDO* foi nomeado Inspetor da Inspetoria "Santo Tomás Apóstolo", com sede em *CHENNAI (MADRAS)*, na nova configuração que a Inspetoria assume depois da criação de uma Circunscrição autônoma para o Tamil Nadu Sul.

Bellarmino Fernando nasceu em 23 de fevereiro de 1954 em Kovalam e é salesiano

desde 24 de maio de 1973, quando emitiu a primeira profissão em Yercaud, então sede do noviciado. Feitos os estudos filosóficos e pedagógicos no pós-noviciado de Yercaud, depois do tirocínio prático foi enviado para os estudos de Teologia na Inglaterra, onde residiu na casa salesiana de Ushaw. Foi ordenado presbítero em Londres-Battersea no dia 24 de junho de 1980.

Retornando à Inspeção, encontramos-lo inserido em várias casas e encargos de responsabilidade: no Seminário de Madras-Poonamallee (1985-1986), depois na casa inspetorial de Madras-Citadel (1986-1988), em seguida diretor em Tirupattur-Padre Rua (1988-1990) e contemporaneamente conselheiro inspetorial. Em 1990 foi nomeado Vigário do Inspetor, cargo que ocupou por um triênio. Foi, depois, diretor do pós-noviciado (1993-1996) em Yercaud e, enfim, depois de um ano passado em Madras-Poonamallee, diretor da comunidade de formação teológica “Dom Bosco” de Tiruchirapalli. Em todos esses anos foi sempre conselheiro inspetorial.

#### 4. *FIERENS Antonio María, inspetor de La Plata (Argentina)*

Para suceder ao P. Luis Timossi como guia da Inspeção “N. S. de Luján” de LA PLATA, Argentina, foi nomeado o P. Antonio María FIERENS.

Nascido em Buenos Aires no dia 24 de novembro de 1955, Antonio María Fierens foi aluno do colégio salesiano de Uribelarrea de onde, acolhendo o chamado vocacional, passou ao Noviciado de Manucho, emitindo aí a primeira profissão salesiana em 31 de janeiro de 1974. Depois dos estudos filosóficos e do tirocínio prático frequentou os estudos teológicos no estudantado de Bernal, onde foi ordenado presbítero em 28 de maio de 1983.

Depois de dois anos passados no colégio “Sagrado Coração” de La Plata como professor e educador (1984-1986) foi enviado à obra salesiana de General Pico, de onde em 1993 foi nomeado diretor. Em 1996 foi nomeado Vigário do Inspetor, encargo que ocupava até agora. Contemporaneamente era também diretor e pároco da cidade Dom Bosco.

5. *GALLONE Francesco, inspetor da Inspetoria Meridional*

*P. Francesco GALLONE* sucede ao P. Emídio Laterza ao final do sexênio, como guia da Inspetoria “*Beato Miguel Rua*” da Itália Meridional com sede em *NÁPOLES*.

Ele nasceu em Bari no dia 18 de março de 1951 e é salesiano desde 19 de setembro de 1967, quando emitiu a primeira profissão religiosa na sede do noviciado em Vico Equense; precedentemente fora aluno no colégio salesiano de Cisternino.

Após os estudos filosóficos e a experiência do tirocínio, freqüentou a Teologia no estudantado salesiano de Castellammare di Stabia. Foi ordenado presbítero em 9 de julho de 1977 em Ceglie Messapico. Completou os estudos conseguindo a licenciatura em Letras e a correspondente habilitação ao magistério.

Foi depois inserido no trabalho educativo escolar no instituto salesiano de Bari, onde ficou até 1989, quando foi nomeado diretor da casa de Salerno-Instituto. Em 1991 foi transferido, ainda como diretor, à obra de Nápo-

les-Vomero e em 1997 à guia da casa salesiana de Caserta. Desde 1996 era conselheiro inspetorial.

6. *LILLIU Giovanni, superior da Visitadoria da Sardenha*

*P. Giovanni Lilliu* é o novo superior da Visitadoria “*Nossa Senhora de Bonaria*” da Sardenha, com sede em *CAGLIARI*. Sucede ao P. Paolo Piras, no final do sexênio.

Giovanni Lilliu nasceu em Arbus, província de Cagliari, em 10 de março de 1945. Completados os estudos ginásiais no aspirantado salesiano de Arborea, passou ao noviciado de Lanuvio, na então Inspetoria Romano-Sarda, emitindo a primeira profissão religiosa no dia 16 de agosto de 1962.

Para a teologia – depois dos estudos filosóficos e do tirocínio – foi a Castellammare di Stabia, onde recebeu os Ministérios e a Ordem do diaconado. Foi ordenado em Arbus, sua cidade natal, no dia 1º de setembro de 1973. Completou depois os estudos em campo civil conseguindo a Licenciatura em Letras e a correspondente habilitação ao magistério.

Esteve, em seguida, empenhado no campo educativo e escolar nas obras da Inspetoria. Em 1985 foi nomeado diretor da casa salesiana de Selargius. Foi Vigário do superior da Visitadoria da Sardenha no sexênio 1987-1993, continuando o trabalho no mundo da escola no Instituto Dom Bosco de Cagliari, do qual foi também diretor dos estudos. Em 1994 foi nomeado diretor e pároco da paróquia salesiana “São Paulo” de Cagliari.

7. *MIELE Giuseppe, superior da Visitadoria do Madagascar*

P. Giuseppe MIELE foi nomeado superior da Visitadoria de MADAGÁSCAR para o próximo sexênio. Sucede ao P. Luigi Zuppini, na conclusão do seu mandato.

Giuseppe Miele nasceu no dia 17 de outubro de 1949 em Spinea di Mirano, província de Veneza. Aluno do aspirantado de Penango, no Piemonte, seguiu a vocação salesiana e fez o noviciado em Bagnolo Piemonte, onde emitiu a primeira profissão no dia 16 de agosto de 1967. Depois do pós-noviciado, fez a experiência do tirocínio na Inspetoria Vêneta

Leste, correspondente à sua terra natal. Seguiu depois os estudos teológicos em Verona-Saval e foi ordenado sacerdote em 14 de outubro na cidade natal.

Em 1981, acolhendo a vocação missionária, partiu para Madagascar, na missão assumida pela Inspetoria de Veneza. Foi enviado à casa salesiana de Mahajanga, da qual foi nomeado diretor em 1987. Em 1996 foi transferido, como diretor, à casa de formação de Fianarantsoa, onde recebeu a nomeação para superior da Visitadoria.

8. *MURDOCH Ian Bernard, inspetor da Austrália*

P. Ian Bernard MURDOCH é o novo inspetor da Inspetoria “Maria Auxiliadora” da Austrália; sucede ao P. John M. Murphy, no final do sexênio.

Ian Bernard Murdoch nasceu em Port Pirie, Austrália, no dia 24 de fevereiro de 1948, e é salesiano desde 31 de janeiro de 1967, quando emitiu a primeira profissão em Oakleigh, onde fez o noviciado, depois de ter frequentado a escola salesiana em sua cidade natal. Fez os estudos filosóficos e teológicos nas estru-

turas formativas salesianas da Austrália, e foi ordenado presbítero em Port Pirie no dia 2 de dezembro de 1975. Completou também os estudos conseguindo o título de Ph. D. em Filosofia.

Depois da ordenação desenvolveu o seu ministério educativo e pastoral em várias comunidades da Inspeção. Esteve na comunidade de Brooklyn Park de 1982 a 1987, e de 1988 a 1991 em Chadstone. Em 1991 foi nomeado diretor da casa de Oakleigh (casa inspetorial e comunidade formadora) e em 1994, Vigário do Inspetor. Concluindo o serviço de Vigário, passou um ano na comunidade formadora de Berkeley, Califórnia. Ao retornar à Inspeção foi nomeado diretor de Chadstone, para onde tinham sido transferidos os jovens irmãos em formação.

9. *REPOVZ José Mario, inspetor de Buenos Aires, Argentina*

Foi nomeado o P. *José Mario REPOVZ* para a guia da Inspeção "São Francisco de Sales" de *BUENOS AIRES*, Argentina, ao final do mandato do P. Santiago Negrotti.

Nascido em Buenos Aires no dia 19 de janeiro de 1954, José Mario Repovz foi aluno do colégio salesiano "São Francisco de Sales" de Buenos Aires, passando depois ao noviciado de Manucho, onde emitiu a primeira profissão religiosa no dia 31 de janeiro de 1976.

Fez os estudos filosóficos e pedagógicos em Ramos Mejía e, depois do tirocínio prático, frequentou a teologia no estudantado de San Justo, onde foi ordenado presbítero em 10 de setembro de 1980.

Encontramo-lo, depois, em trabalhos educativos e pastorais da missão salesiana em várias casas: Ramos Mejía-Domingos Sávio (1984-1988), Carrasquero (1988-1992), Buenos Aires-Pio IX (1992-1993). Em dezembro de 1993 foi nomeado diretor de Buenos Aires-Almagro. Foi chamado à casa inspetorial, no final do triênio, como Delegado para a Pastoral Juvenil. Desde 1991 era membro do Conselho Inspeção.

10. *SCAGLIONI Arnaldo, inspetor da Inspeção Adriática*

P. *Arnaldo Scaglioni* foi novamente confirmado no cargo de Inspetor da Inspeção

Adriática “*Nossa Senhora de Loreto*” com sede em Ancona. Ele estava na guia da Inspeção des- de 1993.

Podem-se ver os dados relativos ao seu currículo em ACG Nº 346, p. 67.

11. *SOCHA Kazimierz, superior da Visitadoria Zâmbia-Malauí-Zimbábue-Namíbia*

P. *Kazimierz SOCHA* é o novo superior da Visitadoria “*Maria Auxiliadora*” com sede em Lusaka, que compreende as nações Malauí, Zâmbia, Zimbábue e ultimamente também a Namíbia. Sucede ao P. Piotr Boryczka ao final do sexênio.

Nascido no dia 28 de julho de 1953 em Dinów-Brzozów, província de Rzeszów, Polônia, emitiu a primeira profissão salesiana em 18 de agosto de 1974 na Inspeção de Cracóvia, ao final do noviciado feito em Kopiec. Fez depois os estudos filosóficos e teológicos no estudantado de Cracóvia. Foi aí ordenado presbítero no dia 20 de junho de 1981. Conseguiu, em campo civil, o título acadêmico de engenharia mecânica.

Depois de alguns anos de trabalho pastoral na Inspeção, partiu em 1989 para as missões de Zâmbia, confiadas às Inspeções da Polônia, e foi nomeado diretor da casa de Chingola. Concluído o triênio de diretor, em 1994 foi nomeado Vigário do superior da Circunscrição Especial erigida naquele ano, encargo que manteve por todos estes anos. Pastoralmente continuava a trabalhar na obra de Chingola.

12. *TESTA Luigi, superior da Circunscrição Especial do Piemonte – Vale d’Aosta*

P. *Luigi TESTA* foi novamente confirmado no encargo de Superior da *Circunscrição Especial “Maria Auxiliadora”* do Piemonte e Vale d’Aosta, com um ulterior mandato de três anos.

Podem-se ver os dados relativos ao seu currículo em ACG Nº 346, p. 68.

13. *THEOPHILUS James, inspetor de Tiruchy, Tamil Nadu Sul, Índia*

P. *James THEOPHILUS* é o primeiro Inspeção da Inspeção “*Nossa Senhora da Saúde de*

*Vailankanni*” com sede em *TIRUCHIRAPALLI (Tiruchy)*, Tamil Nadu Sul, criada recentemente pela subdivisão da Inspeção de Madras.

Ele nasceu em 8 de fevereiro de 1953 em Muthupettai, Tamil Nadu, Índia, e é salesiano desde 24 de maio de 1973, data da sua primeira profissão, emitida ao final do ano de Noviciado em Yercaud. Em precedência fora aluno do colégio “Sagrado Coração” de Tirupatur.

Completados os estudos filosóficos no estudantado de Yercaud e feito o tirocínio prático, foi enviado à Inglaterra, na comunidade formadora de Ushaw, para os estudos teológicos, na conclusão dos quais foi ordenado presbítero em 24 de junho de 1984 em Londres-Battersea. Em seguida foi a Roma, onde completou

os estudos eclesiais conseguindo a Licença em Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico.

Retornando à Índia, foi destinado como professor ao teologado salesiano “Kristu Jyoti College” de Bangalore. Depois de outro período passado em Roma, foi enviado à nascente comunidade formadora para teólogos em Tiruchirapalli-Dom Bosco, da qual sucessivamente foi feito diretor. Foi também inserido no conselho inspetorial. Em 1997, quando foi estabelecida a Delegação Inspetorial para o Tamil Nadu Sul, recebeu o encargo de Delegado do Inspetor. Agora, que a Delegação foi erigida como Inspeção, foi nomeado seu primeiro Inspetor.

## 5.7 Irmãos falecidos (1999 – 3º elenco)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (Const. 94).

| NOME                        | LUGAR                    | DATA DA MORTE | IDADE | INSP |
|-----------------------------|--------------------------|---------------|-------|------|
| P ACUNAS DEL POZO Francisco | Malaga                   | 14-07-99      | 67    | SCO  |
| P ALBERTO Luis              | Salta                    | 06-07-99      | 92    | ACO  |
| L ANIBALDI Mario            | Roma                     | 15-07-99      | 85    | IRO  |
| L BATTISTELLA Desiderio     | Barinas                  | 13-08-99      | 71    | VEN  |
| P BERNARDI Angelo           | Trento                   | 01-09-99      | 84    | IVO  |
| P BOGLIOLO Luigi            | Roma                     | 21-07-99      | 89    | IRO  |
| P BURGOS SANZ Jesús         | Bilbao                   | 24-04-99      | 52    | SBI  |
| P CASALINO Vincenzo         | Castellamare di Stabia   | 13-09-99      | 70    | IME  |
| L CHOIMET GALLARDO José     | Campello (Alicante)      | 07-07-99      | 87    | SVA  |
| L CORNO Vittorino           | Castelnuovo-Colle D.B.   | 05-09-99      | 84    | ICP  |
| P COX James                 | Montevidéu               | 20-07-99      | 89    | URU  |
| P DALKMANN Hubert           | Junkerath                | 09-07-99      | 83    | GEK  |
| P de ANDRÉS PEÑA Angel      | Valladolid               | 08-08-99      | 75    | SMA  |
| P de SOUSA Otaciano Ribeiro | Ponta Grossa             | 17-07-99      | 85    | BPA  |
| P FANTIN Narciso            | Negrar (Verona)          | 16-07-99      | 86    | IVO  |
| L FERRAN VIDAL Joan         | Marti Codolar, Barcelona | 17-07-99      | 88    | SBA  |
| P FERREIRA Manuel           | Porto                    | 05-07-99      | 78    | POR' |
| P FERRELLI Sebastiano       | Macerata                 | 04-07-99      | 93    | IAD  |
| P GALLARATE Lorenzo         | Garbagnate (MI)          | 23-07-99      | 77    | ILE  |
| P GARAVELLO Cleto           | Cairo (Egito)            | 31-08-99      | 90    | MOR  |
| P GERMANI Alfredo           | Machachi (Quito)         | 05-09-99      | 70    | ECU  |
| P GEROSA Roberto            | Arese (MI)               | 12-08-99      | 77    | ILE  |
| P GIOINO Giuseppe           | Salerno                  | 30-07-99      | 86    | IME  |
| P GONZALEZ Juan Pablo       | Caracas                  | 04-07-99      | 95    | VEN  |
| P GUIDOTTO Gaetano          | Shillong                 | 28-07-99      | 78    | ING  |
| P HERRERA Angel             | Santafé de Bogota        | 05-09-99      | 66    | COM  |
| L IMPARATO Vincenzo         | Castellamare di Stabia   | 13-09-99      | 95    | IME  |
| P KARIPARAMPIL George       | Kerala                   | 03-09-99      | 59    | ING  |

## 78 ATOS DO CONSELHO GERAL

| NOME  | LUGAR                     | DATA DA MORTE | IDADE | INSP |
|---|---------------------------|---------------|-------|------|
| P LEONARDELLI Siro  | Negrar (Verona)           | 11-07-99      | 87    | IVO  |
| P LICHOTA Antoni  | Katowice - Ligota         | 06-08-99      | 80    | PLS  |
| L LISI Mario  | Civitanova Marche         | 06-07-99      | 78    | IAD  |
| P MAROCCO Giovanni  | Castelnuovo-Colle D.B.    | 09-07-99      | 88    | ICP  |
| P MEHRINGER Josef   | Ginsham (Baviera)         | 02-09-99      | 97    | GEM  |
| P METZNER Wilhelm   | Ensdorf (Baviera)         | 15-08-99      | 88    | GEM  |
| L MIRANDA Teodosio  | Betlemme                  | 13-09-99      | 86    | MOR  |
| P MORAN Florentino  | Bahia Blanca              | 02-09-99      | 97    | ABB  |
| P ORTUONDO Juan   | La Plata                  | 27-08-99      | 79    | ALP  |
| P POPOWSKI Bernard  | Bombo-Namaliga (Uganda)   | 27-08-99      | 44    | AFE  |
| P PUSCIUS Miecislao   | Punta Arenas              | 23-08-99      | 90    | CIL  |
| P PRASERA Antonio Hércio<br><i>Foi Inspetor por seis anos</i> | São Paulo                 | 08-08-99      | 60    | BSP  |
| P REMIE Gerard Anthony  | Adelaide                  | 16-07-99      | 72    | AUL  |
| P ROSSI Egidio  | Bologna                   | 25-08-99      | 62    | ILE  |
| P SAMANIEGO Egidio  | Zaruma                    | 25-07-99      | 63    | ECU  |
| P SAVINA Giuseppe   | Boroko East (Papua N G)   | 09-08-99      | 63    | FIN  |
| S SINTAYEHU Teklu   | Adis Abeba                | 08-07-99      | 21    | AET  |
| P TOBON Javier  | Medellin                  | 04-08-99      | 44    | COM  |
| P VAZAZ Gino  | Santa Fé                  | 24-05-99      | 72    | ARO  |
| L VERGNANO Paolo  | Turim                     | 26-07-99      | 84    | ICP  |
| L VIEIRA Iduino   | Lisboa                    | 19-07-99      | 65    | POR  |
| P WENTING Adriaan Charles                                     | Ferntree Gully (Victoria) | 18-07-99      | 69    | AUL  |
| P WITEK Franciszek  | Wroclaw                   | 30-07-99      | 75    | PLO  |
| P ZAPPALA Vincenzo  | Pedara (CT)               | 19-08-99      | 82    | ISI  |



